



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo – JOR

A cobertura seletiva do suicídio

Como os fatos jornalísticos que envolvem a morte voluntária são tratados por jornais do Distrito Federal

Autor: Braitner Moreira Andrade

Matrícula: 09/40879

Orientador: Professor Fernando Oliveira Paulino

Brasília, Distrito Federal

Dezembro de 2011



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo – JOR

A cobertura seletiva do suicídio

Como os fatos jornalísticos que envolvem a morte voluntária são tratados por jornais do Distrito Federal

Autor: Braitner Moreira Andrade

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação como exigência final para obtenção do título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo, sob orientação do Professor Fernando Oliveira Paulino.

Brasília, Distrito Federal

Dezembro de 2011

MOREIRA, Braitner

A cobertura seletiva do suicídio – Como os fatos jornalísticos que envolvem a morte voluntária são tratados por jornais do Distrito Federal. Orientação: Fernando Oliveira Paulino.

77 páginas.

Projeto Final em Jornalismo - Departamento de Jornalismo - Faculdade de Comunicação - Universidade de Brasília.

Brasília, 2011.

1. Comunicação 2. Suicídio 3. Jornalismo 4. Responsabilidade social

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Projetos Experimentais
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE PROJETOS EXPERIMENTAIS
MONOGRAFIA

Data: 09/12/2011	Local: UnB	Semestre:	2/2011
Nome do Projeto:	A cobertura seletiva do suicídio – Como os fatos jornalísticos que envolvem a morte voluntária são tratados por jornais do Distrito Federal		
Executor			
Nome:	Braitner Moreira Andrade	Mat.:	09/40879
Professor Orientador (Presidente da Banca Examinadora):	Fernando Oliveira Paulino		
1º Membro da Banca Examinadora:	Luiz Martins da Silva		
2º Membro da Banca Examinadora:	Nelia Rodrigues Del Bianco		
AVALIAÇÃO			
Item avaliado			Nota
Coerência			
Importância			
Seleção de métodos			
Apresentação de trabalho			
MÉDIA FINAL			
MENÇÃO			

Brasília, _____ de _____ de _____.

Orientador

1º Membro

2º Membro

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Fernando Paulino, por acreditar no trabalho e pela paciência em ajudar a moldá-lo. Aos professores que tive o prazer de encontrar pelo caminho: Caíque, Cláudia, Clodomir, David, Gabriela, Gustavo, Lavina, Luiz, Malgorzata, Márcia, Mariana, Nelia, Paulo, Ricardo, Samuel, Sérgio, Solano, Suzana e Zélia.

Aos meus pais, que tiveram de ver o filho crescer à distância. Às minhas irmãs, que ainda têm tudo pela frente. Às três Marias, que não poderiam ser avós melhores. Aos três avôs, que se foram deixando parte deles comigo. Às madrinhas Josy e Neide, que não conseguiriam ser mais carinhosas. Aos inúmeros primos, primas, tios, tias, tios-avôs e tias-avôs, que não conseguiriam se encaixar em uma só página. A Clara, amiga amorosa e companheira sempiterna.

Aos valiosos amigos e amigas, que ajudaram com infindáveis colaborações e momentos de apoio: Cláudia, Fernando, Guilherme, Igor, Mariângela, Mateus; Ales, Carícia, Gabriel, Gabriella, Roberto, Thaís; Alexandre, André, Carlos, Dassler, Christian, Gustavo, Henrique, Marcus, Mateus, Mozart, Nuno, Pedro, Rodrigo; Antônio Carlos, Bárbara, Camila, Daniela, Éverton, Felipe, Fernando, Filipe, Flávio, Guilherme, Juliana, Júnior, Klaus, Laís, Larissa, Lilian, Lucas, Marcela, Natalia, Nathália, Nelson, Pedro, Phelipe, Rodrigo e Vanessa.

Aos colegas de trabalho, que, a cada dia, têm me ensinado a trilhar o melhor caminho: Adriana, Anderson, Diego, Fernanda, Gabriel, Gislaine, Isaías, João, Juliana, Kelly, Leonardo, Luciano, Maíra, Marina, Natália, Renaro, Thalita, Wilson; Cassiano, Daniel, Gian, Leonardo, Luiz, Mauro e Ubiratan; e tantos outros.

Sumário

Resumo	7
Abstract	8
1. Introdução	9
2. Metodologia da pesquisa	14
3. Fundamentação teórica	17
3.1 Suicídio	17
3.2 Jornalismo	20
3.2.1 Desafios do jornalismo	20
3.2.2 A informação jornalística	22
4. O suicídio no jornalismo	24
4.1 Critérios de noticiabilidade	25
4.2 Contágio ou respeito?	27
4.3 Cultura profissional e prática jornalística	29
4.4 Falta de orientação	30
4.5 Percepção externa	31
4.6 O suicídio após um crime	32
5. Conclusão	34
Referências bibliográficas	36
Apêndices	39
Apêndice A: Roteiro das entrevistas	39
Apêndice B: Transcrição das entrevistas realizadas	40
B.1 Leonardo Meireles	40
B.2 Laércio Rossetto	49
B.3 Clarisse Jabur	51
B.4 Maria Eugênia	58
B.5 Carlos Alexandre	63
B.6 Renato Alves	72

Resumo

Pretende-se, com este estudo, compreender a percepção que jornalistas de veículos impressos do Distrito Federal possuem de notícias sobre suicídio. Com consulta a bibliografia e auxílio de entrevistas com jornalistas e profissionais de outras áreas, esta monografia busca responder como é orientada a prática jornalística nos três jornais de maior circulação paga do Distrito Federal, partindo da dúvida sobre a publicação deste tipo de material. Diariamente, cerca de três mil pessoas se matam em todo o mundo e aproximadamente 25 destes casos ocorrem no Brasil. Para a Organização Mundial da Saúde, os meios de comunicação podem ter papel ativo no combate ao suicídio, mas o tema não tem conseguido grande atenção da imprensa. Pode-se concluir, por meio da pesquisa realizada, que os profissionais encontraram uma forma comum de atuação, fruto da cultura oral das redações, apesar da falta de debate acerca deste tema. Assim, a factualidade do ato suicida acabou afastada das páginas jornalísticas. Tido como questão de saúde pública, o suicídio se torna notícia quando faz outra vítima ou em reportagens que visam diminuir as ocorrências deste tipo de morte.

Palavras-chave: comunicação, jornalismo, responsabilidade social, suicídio.

Abstract

It is intended, with this study, to comprehend the perception that print media journalists in Distrito Federal have on suicide news. With bibliography consults and the help of interviews with journalists and specialists from other areas, this study searches to answer how the journalistic practice are oriented in the three paid newspapers that circulate the most in Distrito Federal, starting from the questions about the publication of this sort of material. Daily, around three thousand people kill themselves around the world and approximately 25 of these cases are in Brazil. To the World Health Organization, the media can have an active role on combating suicide, but the theme has not managed to get a lot of attention of the press. Through the research, it is possible to conclude that the professionals found a common form of action, result of the oral culture in the newsrooms, despite the lack of discussion on this topic. Thus, the factuality of the suicidal act ended up drifting apart from the journalistic pages. Seen as a matter of public health, suicide turns into news when it makes another victim or in papers that intend to decrease the number of occurrences of this kind of death.

Keywords: communication, journalism, suicide, social responsibility.

1. Introdução

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), quase um milhão de pessoas cometem suicídio a cada ano¹ – média de uma vítima a quase cada 40 segundos. No Brasil, foram registrados 9.206 casos de morte voluntária em 2008², ano com último levantamento da OMS no país. Mas os números não são absolutamente confiáveis, pois esbarram nas “dificuldades que a sociedade e instituições (especialmente a família) têm em lidar com o problema, tendendo a evitá-lo, bem como nas deficiências técnicas e profissionais em agências policiais e instalações médicas forenses em diagnosticar essa causa de morte” (SOUZA; MINAYO; MALAQUIAS, 2002, p. 678)

O suicídio é um tema que tem atraído a atenção de profissionais e pensadores de diversas áreas, desde que os tabus religiosos se tornaram menos presentes e a quantidade de casos aumentou (DAPIEVE, 2009, p. 13). O debate chegou a tal ponto que Albert Camus escreveu que:

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois.” (CAMUS, 2010, p. 17)

No entanto, “a imprensa pouco aborda a questão e, quando o faz, quase sempre obscurece o acontecimento individual (...) atrás de uma cortina de eufemismos” (DAPIEVE, 2009, p. 13). Os principais manuais de redação do país tratam o tema de forma rasa. O manual de *O Globo* alerta que: “O jornal evita noticiar suicídios de desconhecidos, exceto quando o fato tem aspectos fora do comum” (1992, p. 87). O manual da *Folha de S. Paulo* manda que o jornalista “não omita o suicídio quando ele for a causa da morte de alguém” (2010, p. 101). Para o *Estado de S. Paulo*, “se uma pessoa conhecida se suicidou, a notícia deve revelá-lo ao leitor, também para que este não receba a informação pela metade. (...) Por mais doloroso que seja o fato, evite disfarçá-lo” (1997, p. 120). O manual da Radiobrás³ instrui que “as causas da morte quando se trata de suicídio só serão noticiadas caso a pessoa seja uma autoridade e,

¹ Disponível em <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/index.html>. Acesso em 27 set. 2011.

² Disponível em <http://www.who.int/mental_health/media/braz.pdf>. Acesso em 27 set. 2011.

³ A Radiobrás foi incorporada à Empresa Brasil de Comunicação (EBC) em 12 de junho de 2008.

mesmo assim, se houver interesse público de acordo com os Planos Editoriais de cada veículo e com a anuência da direção de jornalismo” (2010, p.73). O diário carioca *O Dia* é o mais direto:

“*O Dia* não publica suicídios. Exceto em situações particulares, pela notoriedade dos envolvidos ou pelo interesse público das razões que o levaram ao ato. São exemplos disso os suicídios do ex-técnico da Seleção Brasileira de vôlei, Inaldo Manta, do aluno do Colégio Militar que não resistiu aos rigores da disciplina e suas humilhações, e do banqueiro que se matou em um quarto de hotel ao ver descoberto o desfalque que praticara.” (1996, p. 47).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2000, p. 9), difundir a informação de forma apropriada é algo essencial para o sucesso de programas de prevenção de suicídio. De certa forma, portanto, “os meios de comunicação podem ter um papel ativo na prevenção do suicídio” (OMS, 2000, p. 9). Para cada suicídio efetivo, existem 20 tentativas frustradas⁴. Para a organização, portanto, a imprensa é capaz de influenciar o comportamento das pessoas e ocupa papel central nas práticas políticas, econômicas e sociais⁵.

O estudo acerca de tal influência também pode ser percebido em outros países latino-americanos, como na Argentina. Em maio de 2010, a Autoridade Federal de Serviços de Comunicação Audiovisual (Afsca) local publicou um manual que indicava o tratamento ideal para as práticas suicidas nos meios audiovisuais. De acordo com o texto, “certas formas de apresentar o suicídio nos meios de comunicação, seja como informação ou como parte de uma ficção, contribuem para desencadear o efeito de contágio ou de imitação” (MARCOS, p. 11). No México, porém, diversos veículos não dispensam tratamento especial ao suicídio. Alguns jornais e sites noticiosos do país detalham o método utilizado para a morte e utilizam manchetes sensacionalistas – o site *La Policiaca*, de conteúdo policial, conta, inclusive, com uma seção específica destinada a suicídios⁶.

Nesta monografia busquei descobrir como os jornais *Correio Braziliense*, *Aqui DF* e *Jornal de Brasília*, os três diários impressos de maior circulação paga do Distrito Federal⁷,

⁴ Disponível em <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/index.html>. Acesso em: 27 set. 2011.

⁵ Idem.

⁶ El tratamiento informativo del suicidio en medios escritos mexicanos. Disponível em <<http://desbordamientos.wordpress.com/2011/11/09/el-tratamiento-informativo-del-suicidio-en-medios-escritos-mexicanos>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

⁷ Dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Em 2010, o *Correio Braziliense* apresentou circulação média diária de 57.300 exemplares; no mesmo período, 32.041 edições do *Aqui DF*, em média, foram vendidas diariamente; em 2008, o *Jornal de Brasília* vendeu 16.857 exemplares por dia. Números disponíveis em

tratam as notícias de suicídio e como profissionais de outras áreas enxergam a cobertura que tem sido realizada. O debate para que o imperativo “não noticiamos suicídios” transforme-se no questionamento “por que não noticiamos suicídios?” pode fazer com que jornalistas pensem sobre o tema e possam abordá-lo com menos preconceitos. O tema é afim a outras áreas do conhecimento, tais como sociologia, filosofia, estatística e psicologia (DURKHEIM, 2003) e não pode ser estudado de forma isolada, sem se pensar no que a morte voluntária representa à sociedade.

Notícias sobre suicídio têm sido publicadas na imprensa brasileira, geralmente quando a situação envolve alguém notório⁸ ou em casos de segurança pública⁹. As motivações para o suicídio são variadas, particulares e conhecidas apenas pelo próprio indivíduo¹⁰. No cotidiano das redações, porém, é possível perceber coberturas que tentam explicar as motivações do suicida de maneira simplória¹¹.

Para Durkheim (2003, p. 109), “não há dúvidas de que a ideia do suicídio pode ser comunicada de forma contagiosa”. Ele acrescenta que “talvez não haja fenômeno que seja tão facilmente contagioso” e que mesmo “o impulso homicida não tem tanta tendência a propagar-se” (2003, p. 111). Já no século XIX, alguns especialistas “pediram que as notícias de crime e de suicídios fossem proibidas nos jornais” (2003, p. 124). O sociólogo, porém, discordava de tais pontos de vista, acreditando que “é pouco fundada a teoria que faz da imitação a fonte iminente de toda a vida coletiva” (2003, p. 125) e que “o que pode contribuir

<<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>, <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=24> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_de_Bras%C3%Adlia>, respectivamente. Acesso em 20 nov. 2011.

⁸ Foram publicados por vários veículos as mortes suicidas do apresentador Gilberto Scarpa e da atriz Cibele Dorsa (2011), da atriz Leila Lopes (2009), do goleiro Carlos Castilho (1987) e do presidente da República Getúlio Vargas (1954).

⁹ Em 2011, o jornal *Zero Hora* alertou sobre o perigo da carta suicida da atriz Leila Lopes ter sido publicada por alguns órgãos da imprensa. Em 2009 e 2010, os jornais *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília* e *Aqui DF* noticiaram as seguidas ocorrências de suicídio no Pátio Brasil – foram 13, no total. Em 2006, a revista *Época* fez reportagem de capa sobre grupos on-line que incentivavam o suicídio.

¹⁰ Durkheim (2003) divide o suicídio em três classes: o egoísta (quando existem poucos laços sociais para impedir que o indivíduo se mate), o anômico (quando as normas sociais que governam a sociedade não correspondem aos objetivos de vida do indivíduo) e o altruísta (quando o indivíduo acredita que sua morte pode beneficiar a sociedade).

¹¹ Em 2009, jornais, revistas e programas de televisão simplificaram as causas do suicídio da atriz Leila Lopes. Para a Folha Online, “Leila Lopes estava triste e decepcionada, diz amigo” (Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u661166.shtml>>. Acesso em 17 mai. 2011). A Folha Online, a revista Quem e o portal Yahoo! publicaram a carta deixada pela atriz. O Bom Dia Brasil, programa da TV Globo, divulgou que “os bombeiros disseram que ela sofreu uma parada cardíaca. A polícia agora investiga o que poderia ter causado essa parada cardíaca”.

para o desenvolvimento do suicídio ou do crime não é o fato de se falar deles; é a maneira como se fala” (2003, p. 125).

O manual *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*, organizado pela OMS 103 anos após o lançamento de *O suicídio*, segue a mesma ideia, ao destacar que “o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas” (2000, p.5). O mesmo estudo afirma que “os clínicos e os pesquisadores sabem que não é a cobertura jornalística do suicídio *per se*, mas alguns tipos de cobertura, que aumentam o comportamento suicida em populações vulneráveis” (2000, p. 4).

Algumas pesquisas apontam que o ato de noticiar o suicídio aumenta este tipo de morte. Após revisar 42 estudos sobre a influência de jornais sobre suicidas, a pesquisadora Madelyn Gould, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, “comprovou que 29 (69%) comprovaram a hipótese” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 127). Dos restantes, oito “não provaram a relação entre o número de mortes e o noticiário e cinco tiveram respostas misturadas ou eram equivocadas na sua formulação” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 127).

Um estudo de Steven Stack, professor da Universidade Estadual de Wayne, estimou que a televisão possuiria uma probabilidade 82% menor do que um jornal de deflagrar um suicídio por contágio, pois “reportagens sobre suicídio impressas podem ser guardadas, relidas, postas na parede ou no espelho das pessoas, estudadas” (STACK, 2003, p. 239), enquanto “reportagens veiculadas na televisão geralmente duram menos de 20 segundos e podem ser rapidamente esquecidas ou mesmo passar despercebidas” (STACK, 2003, p. 239). Em 1986, um “relato sensacionalista de um incidente suicida” (MARCOS, 2010, p. 11) teria levado a 22 suicídios nos 18 meses seguintes, no metrô de Viena, na Áustria. No ano seguinte, foi iniciada uma campanha para que houvesse “cuidado especial no tratamento informativo dos suicídios” (MARCOS, 2010, p. 11). Depois de seis meses, a quantidade de suicídios e tentativas no metrô de Viena caiu 80% (MARCOS, 2010, p. 11).

Considerando que a desinformação contribui para a manutenção de mitos, esta pesquisa se propôs a analisar a percepção que jornalistas e especialistas têm da cobertura de notícias de suicídio, respondendo às provocações de que “a imprensa se coloca não como vetor do ‘contágio’, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta” (DAPIEVE, 2009, p. 20) e que “jornalistas não são profetas para prever com eficácia as consequências de uma divulgação” (BUCCI, 2000, p. 87).

O principal objetivo do trabalho é compreender como especialistas, jornalistas e referenciais bibliográficos orientam a prática jornalística, a partir da dúvida de que a imprensa

deva ou não noticiar suicídios. Em seguida, questionar se os profissionais são capazes de delimitar o que é interesse público e o que deve ser restrito à esfera privada. Dapieve (2009, p.23) escreve que “a imprensa é nosso espelho”, por se recusar “a ver o que ocorre à sua volta”, mesmo “com as taxas de suicídio mantendo curvas ascendentes”. Através de entrevistas, pretendeu-se examinar como os três jornais de maior circulação paga do Distrito Federal estão preparados para o desafio de noticiar a morte voluntária em seu cotidiano ou optar por não publicá-la, se as decisões são tomadas de forma consciente, e como é realizado este processo de análise.

2. Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi realizada através de leitura aprofundada na bibliografia elencada (principalmente manuais de redação, códigos de ética e os livros de Arthur Dapieve e Émile Durkheim), da análise do noticiário brasileiro (estudo exploratório em seis jornais impressos e acompanhamento dos noticiários policiais do *Correio Braziliense*, *Aqui DF* e *Jornal de Brasília*) e de entrevistas com jornalistas, agentes de segurança pública, psiquiatras, sociólogos e antropólogos. Seguindo a abordagem de Lakatos e Marconi, o trabalho foi realizado a partir de um método de abordagem dedutivo, que parte das teorias e na maioria das vezes “prediz a ocorrência dos fenômenos particulares” (1992, p. 106).

Dois técnicas principais de observação direta foram utilizadas para que o resultado final deste estudo pudesse ser alcançado. A primeira delas, uma análise de conteúdo, permitiu “a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo da comunicação” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 107). Utilizada em seguida, a técnica de entrevista foi escolhida porque “proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 107). Dessa forma, fez-se uso de entrevistas estruturadas.

A análise de conteúdo, realizada em seis jornais do país¹², foi utilizada para que fosse testada a hipótese de que notícias de suicídio não seriam veiculadas em suas páginas. Entre 1º de junho de 2011 e 30 de junho de 2011, apenas um caso de morte voluntária foi noticiado, em 21 de junho, ainda assim com pouco destaque. Em três dos seis jornais, a notícia veio em forma de nota e seguiu o padrão utilizado pela Agência Estado¹³. Nos demais, ele sequer foi citado. O texto produzido pela Agência Estado na tarde anterior foi o seguinte¹⁴:

Cárcere privado termina em morte em Guaíba-RS

O desempregado Cleomar Antônio da Silva, de 36 anos, matou sua ex-companheira, a balconista Luciana Rodrigues de Souza, de 28 anos, e se suicidou, depois de mantê-la sob cárcere privado por quase 16 horas em Guaíba (RS). A polícia apurou que o homem encontrou a mulher na rua, na tarde de ontem.

¹² Todas as edições dos jornais *Correio Braziliense* (DF), *Folha de S. Paulo* (SP), *O Estado de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Estado de Minas* (MG) e *Zero Hora* (RS) foram analisadas, diariamente, entre 1º e 30 de junho de 2011.

¹³ Edições do dia 21/06/2011 de *Correio Braziliense* (Brasil, p. 9), *Estado de Minas*, (Brasil, p. 9) e *O Estado de S. Paulo* (Cidades/Metrópole, p. C6).

¹⁴ EM.COM.BR. Cárcere privado termina em morte em Guaíba-RS. Disponível em <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2011/06/20/interna_nacional.235207/carcere-privado-termina-em-morte-em-guaiba-rs.shtml> Acesso em 27 jun. 2011.

Os dois voltaram a se desentender e seguiram para dentro da casa dela, sem interromper a discussão. Lá dentro, o homem decidiu fazer a ex-companheira refém e ameaçou até provocar uma explosão com o botijão de gás.

A Polícia Militar (PM) cercou o local e passou a noite toda tentando negociar a rendição. Ao amanhecer, Silva chegou a dizer que iria se entregar. Pouco depois, no entanto, os policiais ouviram três disparos e invadiram a casa. O homem e a mulher estavam agonizando e foram socorridos, mas morreram a caminho do hospital.

Familiares e vizinhos contaram que o homem já tinha passagens pela polícia e era acusado de suposto assédio a uma enteada. Além disso, teria feito ameaças à balconista. A mulher havia pedido medidas de proteção à Justiça, mas acabou sendo assassinada antes da audiência. O casal tinha duas filhas.

As notas produzidas para *Correio Braziliense* e *Estado de Minas*, ambos jornais pertencentes ao grupo Diários Associados, tiveram texto idêntico, baseado no conteúdo recebido da Agência Estado:

Mulher é morta após 16 horas como refém

Depois de 16 horas mantendo a ex-mulher em cárcere privado, o desempregado Cleomar Antônio da Silva, 36 anos, matou a balconista Luciana Rodrigues de Souza, 28 anos, e se suicidou. O desfecho do crime surpreendeu a Polícia Militar de Guaíba (RS). Minutos antes do assassinato, Cleomar chegou a dizer que iria se entregar. De acordo com investigadores, o ex-marido encontrou Luciana na rua, na tarde de domingo, e a acompanhou até onde ela morava. A mulher havia pedido proteção à Justiça, mas não foi atendida.

Abaixo, a nota veiculada no jornal *O Estado de S. Paulo*:

Homem mata ex-mulher após prendê-la por 16h

O autônomo Cleomar Antônio da Silva, de 36 anos, matou ontem a ex-companheira, a balconista Luciana Rodrigues de Souza, de 28, e se suicidou, após mantê-la em cárcere privado por quase 16 horas em Guaíba, região metropolitana de Porto Alegre. Após uma discussão na casa dela, domingo à tarde, Silva fez Luciana refém. A polícia passou a noite tentando negociar a rendição. Ao amanhecer, os policiais ouviram três disparos e invadiram a casa. Os dois morreram a caminho do hospital. Tinham duas filhas.

O caso acima é exemplo de um homicídio seguido de suicídio, tipo de matéria frequentemente noticiada na imprensa do Distrito Federal¹⁵. Segundo Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, o jornal “costuma publicar, eventualmente, casos de pessoas que cometem suicídio logo após cometer um ato de homicídio”. Para ele, estes episódios são ligados a problemas da sociedade, a um “drama contemporâneo que existe hoje na sociedade brasileira, onde você tem uma volatilidade de sentimentos muito grande, onde você tem uma instabilidade emocional de certa forma até aceita”. Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, acredita que as ocorrências que envolvem homicídio implicam “em uma circunstância de violência, na questão da falta de segurança”. Editor-chefe do *Aqui DF*, Leonardo Meireles aponta que casos do tipo são publicados por serem uma “tragédia não só pessoal, mas que envolve mais pessoas”.

Além dos casos supracitados, apenas mais uma matéria (*Mistério da morte do maratonista*)¹⁶ cita, no mês de junho, algum suicídio recente como possível motivo da morte de alguém – apesar de esta ser uma causa praticamente descartada pela polícia, que investiga como o maratonista nigeriano Samuel Wanjiru morreu. Além desta notícia, foram publicados apenas eventos históricos, como o suicídio do músico britânico Ian Curtis¹⁷, ou metáforas como “suicídio político” e “suicídio econômico” em algumas colunas.

¹⁵ A imprensa do Distrito Federal noticiou diversos casos de homicídio seguido de suicídio nos últimos anos. Em dezembro de 2010, em Taguatinga, o policial rodoviário Sérgio Ricardo Honda teria matado a namorada, Kátia Lie Yasunaga, e depois se suicidado. Em maio do mesmo ano, no Guará, o aposentado José Dival Souza Santos teria matado a ex-namorada, Diana Ambrósio de Melo, e se suicidado em seguida. Em fevereiro de 2010, em Águas Claras, o policial civil Luciano André Barbosa teria matado a esposa, Monali do Nascimento, antes de se suicidar.

¹⁶ *Correio Braziliense*, 11/06/2011, Super Esportes, p. 13.

¹⁷ Folha de S. Paulo, 16/06/2011, Acontece, p. 1.

3. Fundamentação teórica

Faz-se necessário introduzir e estimular uma reflexão acerca de alguns conceitos básicos tratados pela pesquisa, antes que as discussões sobre o objetivo deste trabalho sejam apresentadas. A partir do entendimento dos termos “suicídio” e “jornalismo”, o estudo poderá ser compreendido com maior clareza quando tais expressões surgirem no decorrer do mesmo. É importante salientar que as análises realizadas não representam uma definição imutável do que venha a ser o suicídio e a prática jornalística, mas tão-somente uma análise que leva em consideração conceitos publicitados por pesquisadores que se complementam, tais quais Eugênio Bucci, Arthur Dapieve, Émile Durkheim e Nilson Lage.

3.1 Suicídio

O termo “suicídio” teria sido registrado pela primeira vez na Inglaterra, em 1651, de acordo com o *Oxford English Dictionary* (ALVAREZ, 2002, p. 68). No entanto, em 1775, o conceito não chegou a ser listado no *Johnson's Dictionary*¹⁸, um reflexo do preconceito e da dificuldade da Igreja em aceitar o ato de tirar a própria vida (ALVAREZ, 2002, p. 69). Naquele tempo, para Alvarez, “o horror primitivo do suicídio, que sobreviveu tanto tempo na Europa, era então o horror do sangue malignamente derramado”, o que significaria, na prática, que “o suicídio havia sido igualado ao assassinato” (2002, p. 68).

Em *O suicídio*, estudo publicado em 1987, o sociólogo francês Émile Durkheim afirmava que o ato suicida seria “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (2003, p. 14). O estudo que se tornou referencial sociológico foi realizado durante o período de fragilidade econômica que acometeu a Europa e os Estados Unidos, após o Pânico de 1873¹⁹. A França atravessou um período delicado, após ser derrotada na Guerra Franco-Prussiana e ter de pagar reparações ao povo alemão, algo que “provavelmente

¹⁸ O *Johnson's Dictionary*, também editado como *A Dictionary of the English Language*, foi um dos dicionários mais influentes do idioma inglês. Sua primeira edição foi publicada em abril de 1755, após nove anos de pesquisa.

¹⁹ O Pânico de 1873 foi uma forte depressão econômica mundial, causada pela queda na procura de prata. O primeiro sintoma da crise foi a quebra da bolsa de Viena, capital do Império Austro-Húngaro (SAVOIE, 2005).

penalizou mais a França do que qualquer outra (nação) no século XIX” (CAMERON, 2000, p. 70).

A falência da Bolsa de Paris, em 1882, influenciou os estudos de Durkheim, que pôde usar dados para explorar o suicídio anômico. O sociólogo mostrou que, entre 1874 e 1886, o crescimento médio anual da taxa de suicídios era de 2%. Em 1882, subiu para 7%, concentrada, “sobretudo, nos três primeiros meses, isto é, no momento preciso em que a quebra se produziu” (2000, p. 233-234). Para Durkheim, esta relação seria uma regra, em vez de se constatar apenas em casos excepcionais.

A publicação de *O suicídio* contribuiu para que houvesse, na sociedade ocidental, “uma mudança drástica na abordagem do ato suicida, ao não mais vê-lo como a expressão individual de uma doença ou de uma loucura e sim como a expressão individual de um fenômeno coletivo” (DAPIEVE, 2009, p. 19). O sociólogo também admitiu, pela primeira vez, que, “mais do que o mero boca-a-boca, a imprensa poderia potencializar esta transmissão” (DAPIEVE, 2009, p. 19).

A visão do suicídio tem mudado com o passar do tempo. Na Roma Antiga, a morte voluntária seria vista de modo neutro, até que, “no século IV, a posição radical de Santo Agostinho, ao rejeitar o suicídio, veio modificar profundamente o modo de encará-lo” (SAMPAIO, 1991, p. 22). A ideia do suicídio como pecado foi retomada no século XIII, por São Tomás de Aquino, que afirmava que só Deus possuía o direito a dar e a tirar a vida, posição característica do período medieval, que “influenciou as comunidades durante muitos anos e levou a que muitos fossem criticados e mesmo perseguidos pelo fato de terem atentado contra a própria vida” (SAMPAIO, 1991, p. 23).

Na Idade Média, era comum que os corpos de suicidas fossem vilipendiados de variadas maneiras, na tentativa de servir de exemplo para outros membros da comunidade e, assim, dissuadir suicidas potenciais ou “para impedir que ele mesmo, ou o espírito que o empolgara em vida, voltasse à Terra para atazanar os vivos” (DAPIEVE, 2009, p. 73). Em ocorrências como as de punir com pena de morte aquele que já havia se matado, ficava claro que “o direito medieval assimilara superstições mais antigas em torno do suicida” (DAPIEVE, 2009, p. 72). O governo de alguns territórios franceses ainda obrigava ao confisco dos bens móveis e imóveis do morto, de sua esposa e de sua família. Em algumas províncias, a casa do morto ainda tinha a fachada demolida, como “preocupação de enquadrar o seu habitante” (DAPIEVE, 2009, p. 74).

No apogeu do romantismo na Europa, muitos jovens viviam a vida como se ela também fosse uma obra de ficção. Assim, “o suicídio se tornou um ato literário, um gesto

histórico de solidariedade para com qualquer herói ficcional que fosse a coqueluche do momento” (ALVAREZ, 2002, p. 231). Um momento ainda hoje lembrado é o que se sucedeu à publicação do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, em 1774. A partir daquele ano, “a Europa romântica foi sacudida por uma onda de suicídios de jovens que se identificaram com o amor não correspondido do protagonista pela adorável, embora refratária, Charlotte” (DAPIEVE, 2009, p. 14). Exemplos do livro de Goethe passaram a ser encontrados junto dos cadáveres, o que levou à concepção da expressão “efeito Werther”, que “passou a ser usada sempre que um suicídio – sobretudo o de artistas – serve de inspiração para que outras pessoas se matem” (DAPIEVE, 2009, p. 15).

Na sociedade japonesa, por outro lado, o ato suicida é visto de forma diferente, ainda que tenha se transformado com o passar do tempo. Segundo a antropóloga norte-americana Ruth Benedict, no período feudal o suicídio “era a declaração final da coragem e decisão de um homem” (2009, p. 143) e, com o passar das gerações, se transformou “numa autodestruição escolhida” (2009, p. 143). No Japão moderno, o ato suicida é honroso e significativo. Se for “adequadamente executado, de acordo com os seus princípios, limpa o nome e reabilita a memória” (BENEDICT, 2009, p. 142), pois a morte voluntária “alcança um objetivo que a própria pessoa almejou” (BENEDICT, 2009, p. 242). Na ânsia de restaurar a própria honra, muitos diretores de colégios japoneses se suicidaram “porque os incêndios em suas escolas – de que não eram culpados – ameaçaram o retrato do Imperador, pendurado em todos os estabelecimentos de ensino” (BENEDICT, 2009, p. 130).

De volta à sociedade ocidental capitalista, mudanças radicais na condição financeira continuaram a ser razões que levam ao suicídio. Em 2008, por exemplo, ano em que a economia mundial entrou em crise²⁰, o número de atos suicidas também aumentaram, “como se os valores da bolsa em queda levassem à desvalorização do valor da vida” (RESTREPO, 2008). O misticismo em torno do fim do mundo também causou o suicídio de diversas pessoas, como na região argentina da Patagônia²¹, na Uganda²² e na Guiana²³.

²⁰ Detalhes sobre a crise econômica que eclodiu em 2008 podem ser encontrados em <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/causou-crieseconomica-mundial-470382.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

²¹ Los suicidas del fin del mundo. Disponível em <<http://edant.clarin.com/suplementos/libros/2006/03/10/lossuicidas.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

²² BCC. Death cult activities 'ignored'. Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/695268.stm>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

²³ The “Death Tape”. Disponível em <<http://jonestown.sdsu.edu/AboutJonestown/Tapes/Tapes/DeathTape/death.html>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

Para o professor de sociologia da Universidade de Sorbonne Jean Baechler, o suicídio "designa todo comportamento que procura e encontra a solução de um problema existencial ao atentar contra a vida do sujeito" (apud HOTTOIS; MISSA, 2001, p. 762). O filósofo da Universidade de Georgetown Tom Beauchamp alega que "uma pessoa comete suicídio: (a) se provoca intencionalmente a própria morte, (b) sempre que não tenha sido forçada por outros, e (c) que a morte seja a consequência de circunstâncias preparadas por essa pessoa com a finalidade de provocar a própria morte" (apud HOTTOIS; MISSA, 2001, p. 762).

Com o passar dos anos, o ato suicida passou a ser descriminalizado. O Reino Unido só deixou de processar as vítimas de suicídio em 1961²⁴. Para o Código Penal Brasileiro, a morte do agente extingue a punibilidade (art. 107), portanto o suicídio não é considerado crime. Porém, a lei aponta crime em "induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça" (art. 122), com pena de reclusão de dois a seis anos caso o suicídio se consuma ou reclusão de um a três anos se, da tentativa de suicídio, resulte lesão corporal de natureza grave. Também é previsto que a pena seja duplicada caso o crime seja praticado por motivo egoístico ou contra uma vítima menor de idade ou que tenha a capacidade de resistência diminuída.

Ao analisar o comportamento geral da imprensa frente a casos de suicídio, Dapieve analisou que "a imprensa é determinada pela visão que os leitores têm da morte voluntária", se colocando "não como vetor do 'contágio', mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta" (2009, p. 20).

3.2 Jornalismo

Muitas são as visões do que é o jornalismo – cada uma delas, decerto, influenciada pelas experiências pessoais e profissionais de seus autores. Para os fins desta pesquisa, foram referenciados alguns autores e conceitos que se aproximam do tema da monografia.

3.2.1 Desafios do jornalismo

Nas últimas décadas, os meios de comunicação se expandiram, novas fronteiras foram

²⁴ O "Suicide Act" alterou a legislação britânica, deixando de considerar crime o ato suicida. Disponível em: <<http://www.legislation.gov.uk/ukpga/Eliz2/9-10/60>>. Acesso em: 31 out. 2011.

abertas, como o jornalismo digital, e novas perspectivas publicitárias puderam ser obtidas. Para o professor da Universidade de São Paulo Eugênio Bucci (2000, p. 33), embora as empresas de comunicação tenham assumido o papel de instituições voltadas à obtenção de lucro, esta relação de consumo deve ser “consequência, e não o fundamento da razão de ser da imprensa”. Ainda neste sentido, ele ainda lamenta que os meios de comunicação “não mais são produzidos pelas necessidades políticas do público, mas pelas necessidades de mercado” (BUCCI, 2000, p. 171).

Essa relação teria se iniciado logo que o processo de impressão dos jornais tornou-se mecânico, segundo o professor da Universidade Federal de Santa Catarina Nilson Lage (2001). Esta mecanização, de acordo com ele, fez aumentar o custo de produção dos periódicos que, portanto, deixaram de ser financiados por seus leitores. Assim, passaram a ser dependentes de anúncios que, por sua vez, dependiam do número de leitores. Nesta mesma discussão sobre a relação entre anunciantes e jornalistas, o ex-professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) Nemércio Nogueira observa que “jornalistas e publicitários convivem, querendo ou não, no mesmo espaço” (1996, p. 14), mas que esta relação deve ser regrada, para que o leitor não sofra com falta de ética ou honestidade.

Outra peculiaridade da profissão, ressaltada pelo autor, convive desde cedo com o repórter. Não importa o quanto o jornalista se esforce em ouvir o maior número de fontes possíveis para construir uma notícia isenta e próxima do real, alguém sempre poderá sentir-se lesado. Sobre isso, Nogueira avalia que:

Uma coisa não mudou, desde que existe o jornalismo. Continua sendo um ofício controvertido. Se fala ou escreve favoravelmente – ou pelo menos de forma neutra – sobre alguém, o jornalista é amado e homenageado. Se denuncia, é execrado pela vítima. A mesma pessoa exalta ou abomina o jornalista, dependendo da situação (NOGUEIRA, 1999, p. 12).

A mesma visão é compartilhada por Lage, que aponta que algumas pessoas ainda tendem a julgar a qualidade de determinada informação simplesmente observando se esta lhes cai bem. Para tais pessoas, o jornalismo é bom “quando os fatos relatados apontam para interpretação favorável a suas ideias e mau quando ocorre o contrário” (LAGE, 2002, p. 12).

Essa característica de ataque e defesa, inerente à profissão, fica mais evidente quando o jornalista se situa em áreas nas quais é grande o conflito de interesses. O repórter especializado na área criminal também não pode se esquecer de que possui uma relação de

troca de interesses com a polícia, que é “fonte principal – se não a única – na maioria esmagadora das reportagens” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 37). Jornalistas precisam ser abastecidos de novidades, enquanto autoridades de segurança “contam com a imprensa para manter os casos que investigam em destaque, assegurando recursos e valorizando o seu trabalho perante os superiores” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 40).

3.2.2 A informação jornalística

Pelo fato de a informação ser matéria-prima do jornalismo, faz-se necessário conceituá-la como objeto. A profissionalização do campo jornalístico levou à criação de cursos superiores e à pesquisa acadêmica, que estabeleceu padrões para a apuração e o processamento das informações, o que resultou na forma atual do jornalismo. Para Lage:

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (...), que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo (LAGE, 2002, p. 18).

Seria impossível, para o jornalista, dissociar-se completamente de si mesmo, de um julgamento espontâneo que todo ser humano tende a fazer ao deparar-se com um acontecimento, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu. Para ele, “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não veem outras; e veem de certa maneira as coisas que veem” (BOURDIEU apud JORGE, 2008, p. 67). Ainda nesse sentido, para o professor da Universidade de Brasília Luiz Gonzaga Motta, “não existem acontecimentos, só existem percepções das ocorrências do mundo físico ou social” (MOTTA apud JORGE, 2008, p. 68).

No século XX, despontou o jornalismo-testemunho, no qual o repórter assumiu papel crucial e passou a ser responsável pela circulação da informação. Esta informação tornou-se, portanto, “matéria-prima fundamental e o jornalista, um tradutor de discursos” (LAGE, 2001, p. 22). O mesmo autor conclui que cada texto jornalístico, por atravessar filtros pessoais, “reflete o conflito entre os interesses de quem manda e as preocupações e angústias de quem obedece, em cada campo de relações da sociedade”, tais como governo e povo, escola e

estudantes, médicos e pacientes (LAGE, 2001, p. 35). As ideias de Lage estão de acordo com as de Dapieve, que analisa casos veiculados na imprensa para escrever que ela, “como tomadora de linguagens emprestadas, retransmite a desqualificação da morte voluntária como ímpia, ilegítima ou doentia para outros setores da sociedade” (2009, p. 165).

O professor Jorge Pedro Sousa matematizou, em uma função, aquela que seria a parte de uma teoria que diz respeito à construção da notícia. Esta seria “diretamente proporcional ao produto das forças (...) pessoal, sócio-organizacional, extra-organizacional, ideológica, cultural, histórica, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos” (p. 10). Para o autor, todas estas constantes devem ser levadas em conta no momento de entender por que as notícias são como são, e não de outro modo. Em linhas gerais, as notícias resultam “das pessoas e das suas intenções”, são fruto “das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social”, são originadas “por conjuntos de ideias que moldam processos sociais”, são produto da história e “do sistema cultural em que são produzidas” e dependem “do meio físico em que são fabricadas” e “dos dispositivos tecnológicos usados em seu processo de fabrico”.

De acordo com o conceito do newsmaking, bem como o acontecimento gera a notícia, a notícia também gera o acontecimento. Logo, “os jornalistas não são simples observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade” (TRAQUINA, 1999, p. 135). As notícias, afinal, “acontecem na conjuntura de acontecimentos e textos” (p. 135) e são “o resultado de processos de interação social e de uma série de negociações” (p. 136).

Duas teorias principais fazem parte da literatura do newsmaking. Para a teoria organizativa, os constrangimentos organizacionais são essenciais para a prática jornalística, pois o jornalista se conformaria “mais com as normas da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele tivesse trazido consigo, ou com ideias éticas” (TRAQUINA, 1999, p. 135). Outra corrente dentro dos estudos do newsmaking é a teoria construcionista, que, por outro lado, valoriza “a importância da cultura profissional dos jornalistas e as suas práticas rotineiras” (TRAQUINA, 1999, p. 135).

4. O suicídio no jornalismo

Quase seis séculos depois da invenção da prensa móvel por Johannes Gutenberg, o jornalismo ainda mantém debate sobre sua matéria-prima. Para Vizuet e Marcet, “ninguém saber o que é uma notícia implica na ausência de um critério universalmente compartilhado para distinguir o que são as notícias do que elas não são” (2003, p. 55). Nas tentativas de criar critérios para definir o que é a notícia, jornalistas e pesquisadores buscam definir os valores-notícia, também chamados de fatores de interesse da notícia, que nada mais são do que “critérios embutidos nas rotinas profissionais” (JORGE, 2006, p. 5).

O ato suicida pode reunir diversos valores-notícia, de acordo com a classificação da professora da Universidade de Brasília Thaís de Mendonça Jorge (2006, p. 10). O suicídio de uma pessoa desconhecida, se noticiado na editoria local, atenderia aos critérios de atualidade, proximidade, morte e violência, além de poder ser encaixado nos valores de confidências, mistério, amor, sexo, religião e dinheiro, dependendo do caso. O suicídio de celebridades atende a outros critérios: impacto, notoriedade, morte e violência, além de outras possíveis variáveis, tais como amor, sexo, poder, dinheiro, mistério, religião e confidências.

Apesar de se encaixar em tantos valores-notícia, nem sempre os casos de suicídio são publicados pela imprensa. Para uns, “a maioria dos jornais considera que o suicídio diz respeito à esfera privada e só deve ser divulgado quando guardar relação com assuntos de interesse público” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 127). Para outros, “é razoável supor que o procedimento recalcado da imprensa frente ao suicídio reflita o mal-estar de toda a nossa sociedade diante da morte voluntária” (DAPIEVE, 2009, p. 169).

Nos tópicos seguintes, a monografia expõe e interpreta as opiniões de uma antropóloga, uma autoridade policial e jornalistas em atuação no Distrito Federal, colhidas em entrevistas realizadas durante os meses de setembro e outubro de 2011²⁵. Para interpretar as informações recebidas, faz-se importante levar em consideração três conceitos elencados por Mauro Wolf (2001): noticiabilidade, valores-notícia e cultura profissional.

A noticiabilidade foi o que permitiu aos veículos de comunicação funcionar como empresas, portanto “um elemento da distorção involuntária contida na cobertura informativa

²⁵ Foram entrevistados os jornalistas Leonardo Meireles, editor-chefe do *Aqui DF*, em 26 set. 2011; Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, em 26 out. 2011; Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, em 31 out. 2011; e Renato Alves, repórter do *Correio Braziliense*, em 31 out. 2011. Também foram entrevistados Laércio Rossetto, então delegado-chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, em 29 set. 2011; e Clarisse Jabur, antropóloga que viveu oito anos entre índios ianomâmis, em 25 out. 2011.

dos *mass media*” (WOLF, 2001, p. 181). Para ele, é o que permitiu o “processo de standardização” da notícia e, sem ela, os veículos de comunicação não teriam sobrevivido, pois a noticiabilidade “corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2001, p. 190), ainda que ela esteja habitualmente sujeita a desacordos entre os jornalistas.

Os valores-notícia podem ser definidos “como uma componente da noticiabilidade” e respondem à seguinte questão: “Quais os acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 2001, p. 195). Estes valores serviriam apenas como “lógica de uma tipificação que tem por objetivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos” (WOLF, 2001, p. 196), portanto não seriam rigorosos e organizados, o que abre espaço para interpretações pessoais, que refletem a cultura profissional das redações.

Esta cultura profissional seria “um emaranhado de retóricas de fachada e astúcias táticas” (GARBARINO apud WOLF, 2001, p. 188). Estas convenções relativas às funções dos veículos e dos jornalistas na sociedade transformam em notícia “aquilo que, depois de tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas, é susceptível de ser ‘trabalhado’ pelo órgão informativo sem demasiadas alterações e subversões do ciclo produtivo normal” (WOLF, 2001, p. 191).

4.1 Critérios de noticiabilidade

Dadas as peculiaridades do tema suicídio, editores dos três maiores jornais de circulação paga do Distrito Federal optam por divulgar notícias sobre este tema em situações específicas, configurando uma abertura seletiva ao assunto. Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, acredita que “os jornais tendem a não dar muito destaque ou até mesmo não publicar casos de suicídio”. Para Leonardo Meireles, editor-chefe do *Aqui DF*, é necessário que mais pessoas estejam envolvidas no evento para que haja uma cobertura factual de um caso suicida, por exemplo, “quando o homem mata a esposa e depois se mata, ou no caso do menino da escola de São Paulo que atirou na professora e depois se matou”. O

suicídio também se tornaria jornalisticamente relevante em casos de pessoas de notória relevância ou de celebridades. “Por ser uma pessoa pública você mexe com o fanatismo”, argumenta Meireles.

Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, pondera que não há como esconder a morte por suicídio em casos deste tipo: “Se uma celebridade morre, o fato de ela morrer é uma notícia e forma como ela morre a gente tem de dizer. Não é a notícia de um suicídio, é a notícia de que a pessoa morreu, deixou de existir”. A editora acredita que o suicídio, quando é praticado como ato isolado, só interessa à pessoa e à família, logo “não vai ter relevância como notícia”.

Leonardo Meireles diz que, apesar de o *Aqui DF* ser um jornal popular²⁶ “que a princípio seria, segundo o preconceito, um jornal sensacionalista do ponto de vista editorial”, são tomados cuidados quando casos de suicídio acabam noticiados. “Eu vou evitar muito dar na capa este tipo de notícia”, exemplifica. O ex-delegado-chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, Laércio Rossetto, reconhece que as autoridades policiais “nem procuram passar” casos de suicídio para a imprensa, a não ser em casos específicos, no quais “a cobrança da mídia é muito importante”.

Cada caso deve ser tratado individualmente, de acordo com Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, que lembra que a morte de Getúlio Vargas não poderia ter sido noticiada ocultando o ato suicida, pois “obviamente você deveria tratar como um ato político, aquilo não foi um ato pessoal”. Para o jornalista, é necessário “ter consciência da leitura que tem que ser feita dos acontecimentos” e não é possível “isolar (o suicídio), em determinado caso, com uma leitura unívoca”.

Além da cobertura factual, existem reportagens aprofundadas, mas estas seriam “exceções que mais confirmam a regra”, segundo Leonardo Meireles. O jornalista cita que estas são situações em que “a mídia tem que fazer aquela matéria até por uma questão de saúde pública, de segurança pública”. Maria Eugênia afirma que estas exceções são raras e surgem quando há “alguma informação de relevância que pode ajudar as pessoas a não se matarem”. A reportagem publicada pelo *Jornal de Brasília*²⁷ em 24 de outubro de 2011 destacou o crescimento de 30% no número de suicídios no Distrito Federal, entre 2007 e

²⁶ Jornais populares têm em comum “preço baixo, poucas páginas, venda avulsa exclusiva ou predominante, uso em profusão de cores e fotos, reportagens dispostas em número acanhado de linhas e diversos tipos de promoção” (CUNHA NOVO, 2010, p. 9).

²⁷ A versão integral da reportagem publicada pelo *Jornal de Brasília* pode ser lida em: <<http://www.clicabrasilia.com.br/edicaodigital/index.php?edicao=20111024&caderno=jornal>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

2010, informando sobre sintomas e prevenção. O material possui o depoimento de um homem de 23 anos, de identidade preservada, que não conseguiu se matar, e com informações do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, responsáveis por impedir 886 suicídios em 2010 – 133 se consumaram.

Em 2 de maio de 2009, o *Correio Braziliense* publicou²⁸ uma reportagem sobre os 12 casos de suicídio ocorridos no vão central do shopping Pátio Brasil, onde circulam 50 mil consumidores por dia. Além de contar com o depoimento do pai da então vítima mais recente, a matéria cobrou ações concretas do shopping, que posteriormente fechou o vão central e a área externa²⁹. Nenhum gestor do shopping concedeu entrevista para essa matéria. Um dos autores da reportagem, o repórter Renato Alves conta que, naquela cobertura, houve uma tentativa de “mostrar que aquilo que aconteceu era uma coisa muito triste, ruim para a sociedade e, principalmente, um risco iminente. A gente não queria tratar como um mero drama familiar”.

A prática de se noticiar suicídio apenas em “caso de exceção”, nas palavras de Carlos Alexandre, também é utilizada além das fronteiras do Distrito Federal. Quando houve um surto de suicídios no subgrupo sanumá dos índios ianomâmis, a imprensa nacional e internacional passou a noticiar o fato, a partir de uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*³⁰. Segundo a antropóloga Clarisse Jabur, que morou com estes índios por oito anos, em Auaris (RR), o suicídio ianomâmi é raro e seria muito mais comum nas aldeias ye’kuana. Para ela, que observa “a mídia tentando chamar atenção para coisas já conhecidas”, o fato ganhou atenção “porque os ianomâmis são os índios famosos” e “ninguém sabe” quem são os ye’kuana. Neste caso, porém, a pesquisadora aponta falhas na cobertura realizada pelos veículos, que seria realizada “imbuída de preconceito, com o índio genérico ou o índio hiper-real”, buscando explicações sociais em vez de se aprofundar “dentro da cosmologia ou da cultura ianomâmi”.

4.2 Contágio ou respeito?

²⁸ A versão integral da reportagem publicada pelo Correio Braziliense pode ser lida em: <http://stat.correioweb.com.br/cbonline/2009_05/A2627-0205.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.

²⁹ Disponível em

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/05/28/interna_cidadesdf,194943/index.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2011.

³⁰ O jornal O Estado de S. Paulo publicou, em 31 de outubro de 2005, a reportagem “Onda de suicídio atinge os ianomâmis”, informando que quatro índios do subgrupo sanumá haviam se matado naquele ano. A versão integral pode ser lida em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=32673>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

No *Jornal de Brasília*, há a preocupação de que, uma vez noticiado, um caso de morte voluntária se torne o ponto de partida para uma onda de suicídios. Maria Eugênia observa que “estatisticamente, é comprovado que, quando você começa a divulgar, isso (a publicação) pode estimular” e que isso leva o diário a evitar notícias ligados ao tema. Leonardo Meireles, editor-chefe do *Jornal Aqui DF*, afirma não temer a ideia de contágio, desde que “você coloque (a notícia) em uma situação tal que a pessoa que está lendo aquilo não vai se sentir identificada com o problema, porque você transforma aquilo numa coisa muito pessoal”. O jornalista prefere evitar a publicação de atos suicidas na editoria local por uma questão de respeito para com a família da vítima. Para realizar a cobertura, só publica notícias com detalhes. “Você nunca pode simplificar, tem que ter mais coisa para explicar isso, é uma atitude última de um ser humano”, explica.

Para Meireles, agir com respeito às pessoas implicadas é mais importante do que ser temeroso com relação à ideia de contágio, pois este comportamento “coloca um limite bem mais palpável do que uma pesquisa que não existe”. Ele defende que haja cuidado com todos os indivíduos envolvidos, direta ou indiretamente, no ato suicida, “para não afetar a imagem daquela pessoa que se suicidou e também da família dela”. Laércio Rossetto, ex-delegado-chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, acredita que o tema deve ser tratado com cuidado por respeito à família das vítimas dos atos suicidas. Para ele, “não é ler uma notícia sobre um suicídio que vai fazer ele (o suicida potencial) se matar”. O delegado ressalta que “não tem obrigatoriedade de passar informações” e aponta que “os parentes ficam muito consternados” em casos de suicídio. Para ele, “não é questão de sonegar informação, é porque não precisa passar (à imprensa) mesmo”.

Maria Eugênia, por outro lado, diz que a “preocupação não é de preservação a pessoa que já se foi e nem a família dela, é de preservar quem pode estar pensando em cometer o suicídio também”. A editora diz não publicar a notícia de suicídios por causa de “um temor de que outras pessoas, lendo aquela matéria e que estejam depressivas, de mal com a vida, se sintam estimuladas a fazer a mesma coisa”.

O medo em criar uma epidemia suicida também é usado contra os jornalistas. Na reportagem que fez sobre as mortes no shopping Pátio Brasil, o repórter Renato Alves, do *Correio Braziliense*, afirma que recebeu diversas chantagens para que a matéria não fosse publicada. “Chegou a um ponto em que eles (diretorias da Secretaria de Segurança Pública e do shopping) me falar que, se saísse uma reportagem e alguém se jogasse, eu carregaria aquela culpa para sempre”, revela. O jornalista admite ter ficado preocupado nos primeiros

dias após a publicação da reportagem: “Imagina se alguém se jogasse! Eu ia dormir com aquela culpa, será que tinha sido por minha causa? A pessoa estava predisposta e eu só estimulei? Imagina se acontece uma onde de suicídio maior do que já tinha”.

4.3 Cultura profissional e prática jornalística

Não existiria, por parte dos jornais impressos do Distrito Federal, a preocupação em entender o suicídio como pauta jornalística, de acordo com Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, o foco dos veículos de comunicação é voltado a temas como política, economia e internacional, então estas seriam “as prioridades que os jornais buscam sempre quando vão fazer um trabalho de pesquisa sobre os seus leitores”. O jornalista admite não ter conhecimento de que os veículos “tenham feito uma pesquisa muito aprofundada sobre o impacto de você publicar uma notícia de suicídio nos seus leitores” e desconfia “que a orientação que é repassada para os jornalistas que trabalham a questão do suicídio é uma orientação informal”.

Ao ser perguntado sobre orientações sobre o suicídio como notícia, Leonardo Meireles, editor-chefe do *Aqui DF*, reconhece que recebeu orientações de jornalistas mais experientes quando pesquisou sobre o tema, que citaram uma “mítica pesquisa da Noruega ou da Suécia, onde viram que dar notícia de suicídio aumenta em 15% os suicídios nos próximos cinco dias”. Apesar das orientações, Meireles afirma jamais ter encontrado algum estudo que prove a existência do contágio após a publicação de notícias que envolvem atos suicidas. Para ele, “isso acabou virando um preconceito e você fica realmente com esse medo”.

A cultura oral parece ter impregnado profissionais da área. Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, entende que a abordagem ao tema do suicídio é algo histórica. “Por toda minha formação de redação eu já vinha escutando isso, me formei com essa teoria, vi pessoas aqui a executando. Acho que prevalece o *feeling* (intuição), o bom senso”, argumenta. O repórter Renato Alves desconhece orientações oficiais e acredita que “nunca houve um acordo formal, uma lei que nos proíba de publicar suicídio”. Ainda assim, quando repórteres iniciantes tentavam publicar notícias que envolviam o ato suicida, o jornalista os orientava da mesma forma como havia sido orientado. “Tudo o que me explicaram um dia, eu tive que explicar para eles”, conta.

O jornalista iniciante esbarra com este suposto acordo sem uma preparação adequada, de acordo com Leonardo Meireles, que explica a falta de orientação à equipe de reportagem

por causa da grande rotatividade dos profissionais do *Aqui DF*. “É preferível eu falar para um subeditor que cuida dessa parte específica, ele fica sabendo e, quando o repórter chega com essa dúvida, explicamos”, afirma, observando que as orientações podem mudar de um jornal para o outro, porque “não é uma regra, isso não vai acontecer em outros jornais”.

Profissionais de outras áreas do conhecimento também estariam, de certa forma, contaminados por esta cultura oral. Ex-delegado-chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, responsável pela área central de Brasília, Laércio Rossetto auxiliou na busca por dados, defendendo que “uma medida precisava ser tomada” e que “dependendo dos casos, a cobrança da mídia é muito importante”. Mas, em geral, o policial segue uma recomendação oral, portanto “sempre que tem um caso assim (de suicídio), então a gente nem procura passar”. O delegado também ressalta que “não tem obrigatoriedade de passar informações”, que “não tem orientação de cima” e que “é coisa de delegado para delegado”.

4.4 Falta de orientação

Parte das dificuldades dos jornalistas no tratamento ao suicídio como notícia seria reflexo da própria sociedade, de acordo com Leonardo Meireles, editor-chefe do *Aqui DF*. Para ele, o jovem repórter não recebe formação adequada na universidade nem no mercado de trabalho, portanto “não é preparado para cobrir esse tipo de coisa (o ato suicida) porque na sociedade em geral não há uma discussão sobre o suicídio, é um assunto tabu, as pessoas morrem de medo de falar sobre isso”. Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, lamenta a falta de seminários e palestras sobre temas polêmicos, como a cobertura de suicídios, mas não acredita que o aumento da discussão “demandaria uma mudança de procedimento, porque eu acho que o que deve reger essa decisão é a relevância e o bom senso”.

Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, aponta “que existe um consenso entre os jornalistas”, ainda que isto possa ser algo “mal resolvido” ou que possa ser “mais bem debatido”. O jornalista crê que apenas quando o ato suicida ganhar atenção de outras áreas é que ele se tornará objeto de interesse dos veículos de comunicação, sendo necessária “a mobilização de outros atores ou o aparecimento de outros indicadores” para que este consenso possa ser rediscutido, ainda que “talvez falte um subsídio mais consistente pra que de fato indique se os jornais devem ou não publicar suicídio”.

Ao tratar da série de suicídios no shopping Pátio Brasil, o repórter Renato Alves, do *Correio Braziliense*, se deparou com a dificuldade de encontrar orientações sobre como abordar a “pouco explorada” temática da morte voluntária e pondera que a “discussão que tivemos no jornal ao longo de semanas teria que estar em algum lugar, como referência”. Para ele, chama atenção a ausência do assunto nos principais códigos de ética e manuais de redação brasileiros. O suicídio também é tema raro em meios de comunicação de massa, como nas telenovelas, lembra Leonardo Meireles. “O suicídio dentro de novelas é só uma solução”, analisa.

O fato de o universo dos jornais impressos ser espacialmente limitado pode levar a outro tipo de discussão, de acordo com Carlos Alexandre, que ressalta que os jornais são “empresas que fazem um determinado produto, que tem um limite” e que, portanto, têm que fazer um corte da realidade. Para ele, a falta de orientação sobre o ato suicida é um problema maior no “universo em aberto que se chama internet”, onde, para o jornalista, “vale tudo”. O editor do *Correio Braziliense* acredita que a internet, por ser um campo livre, “é a grande porta de perigo não só para o suicídio, mas para outros fenômenos sociais gravíssimos”.

4.5 Percepção externa

Editores dos jornais do Distrito Federal possuem opiniões diversas sobre a percepção que o público possui do suicídio como tema jornalístico. Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, acredita que “o leitor também sabe” que os veículos não costumam tratar do tema, “embora não exista um tratado ou uma norma”. Renato Alves, repórter do *Correio Braziliense*, por outro lado, acredita que “o leitor, em sua grande maioria, não sabe que há esse acordo (de evitar a publicação de notícias sobre suicídio)”.

Apesar das opiniões divergentes, os dois jornalistas afirmam que existe manifestação por parte do público sobre o tema. Maria Eugênia diz que, quando leitores que ligam para o jornal informando sobre suicídios, profissionais explicam que o suicídio não será noticiado pelo *Jornal de Brasília*. Renato Alves lembra que, antes de o *Correio Braziliense* publicar reportagens sobre a onda de suicídios no shopping Pátio Brasil, o diário era acusado de conivência: “A gente recebia inúmeros telefonemas aqui na editoria de Cidades. As pessoas relatando: ‘Como assim? Que absurdo, a imprensa está omissa, o Pátio Brasil comprou vocês’. E aí você tinha que explicar, um a um, que a gente não dava (notícias sobre suicídio)”.

Alves lembra que inclusive funcionários do jornal tinham dificuldade para entender o posicionamento do jornal, então repórteres iniciantes “iam lá tentar fazer matéria e chegavam indignados porque a matéria não saía. Tudo que me explicaram um dia eu tive que explicar pra eles”. Apesar de não publicar a notícia de cada um dos suicídios realizados no local, Alves afirma que a equipe do jornal se deslocava ao shopping a cada ocorrência, para confirmar a hipótese de suicídio e averiguar se o ato suicida havia levado a outra vítima. Para reportar os suicídios realizados no Pátio Brasil, o jornalista levou em consideração um e-mail que circulava pela internet, de um pai que pedia providências após o filho ter se jogado do último andar do shopping.

Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, discorda dos colegas e afirma que a comunidade não se manifesta nestes casos e que seria “preciso que ela (a comunidade) se manifeste. A gente também pode ir lá eventualmente querer saber, mas o fato é que esse debate ainda não chegou aqui na redação, infelizmente”.

4.6 O suicídio após um crime

Quando o ato suicida está relacionado a um ato de violência extrema com outra pessoa, muitas vezes causando a morte desta, editores dos jornais impressos do Distrito Federal são unânimes em confirmar que noticiam este tipo de ocorrido. O delegado Laércio Rosseto, antigo chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, confirma que, em episódios deste tipo, a Polícia Civil costuma passar informações aos veículos de imprensa, por serem casos que chamam atenção da sociedade civil.

Eventos de suicídio seguido de homicídio ganham uma relevância que um ato suicida não possuiria sozinho, aponta Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*, que lembra que o homicídio “implica em uma circunstância de violência, na questão da falta de segurança”, portanto seria “um assunto que diz respeito à comunidade, não diz respeito apenas a aquela família”. A iminência de alguém que passava pelo shopping Pátio Brasil ser atingido por um suicida que se atirava do último andar do local foi um dos argumentos do repórter Renato Alves, do *Correio Braziliense*, que argumenta que “o jornal não quis esperar que houvesse essa vítima pra fazer a matéria”.

No jornal *Aqui DF*, pelo menos dois casos de homicídio seguido de suicídio acabaram entre as manchetes do diário. O editor-chefe Leonardo Meireles se recorda de discussões na redação sobre a melhor abordagem para os episódios, ainda que na redação “não se entre

muito em polêmicas, as pessoas sabem como deve ser contado esse tipo de história”. O jornalista diz que se tem “evitado muito usar a palavra ‘passional’”, um termo que, para ele, seria “um meio de simplificar a coisa”. Por outro lado, Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*, acredita que, na maioria das vezes, “situações de homicídio seguido de suicídio têm algum componente passional, em geral são casos ligados à violência contra a mulher”. Em casos do tipo, o *Correio* estaria orientado a focar na passionalidade da situação.

5. Conclusão

Mesmo com o debate permanente sobre a definição do que é notícia, a prática dos jornais do Distrito Federal mostra que já existe uma definição sobre quando reportagens com a temática do suicídio devem, ou não, ser publicadas.

O ato suicida, que não é considerado crime pelo Código Penal brasileiro, é tratado como questão de saúde pública. Para a imprensa brasiliense, portanto, o assunto só se torna notícia quando extrapola o círculo do indivíduo e vitima um terceiro ou quando o jornalista possui alguma informação que possa ser capaz de diminuir a ocorrência de mortes voluntárias, seja alertando a sociedade ou cobrando ações de órgãos competentes.

A visão tida do suicídio como notícia é resultado de um processo histórico e de uma cultura profissional que têm servido para guiar o trabalho nas redações. As decisões tomadas pelos jornais são parecidas, ainda que as reflexões realizadas até o resultado final sejam, muitas vezes, diferentes. Por outro lado, os editores responsáveis pelos principais jornais brasilienses apresentaram percepções distintas do que os leva a ignorar a factualidade do suicídio em seus noticiários. Seja por respeito à família ou por medo que a notícia desencadeie uma onda de mortes voluntárias, o suicida não terá espaço na editoria local dos veículos impressos do Distrito Federal.

Mesmo quando o ato suicida ocorre fora do Distrito Federal, não foge dos critérios de noticiabilidade que acabaram instaurados no dia a dia e também transmitidos oralmente nas redações. Seja nas páginas de jornalismo nacional, internacional, esportivo ou cultural, o suicídio costuma ser notícia quando é cometido por alguma pessoa pública ou o suicida causa outra vítima em sua ação – no momento em que tira a própria vida, no caso de atentados terroristas, ou quando se mata após cometer um crime, em episódios não raros em que o homicídio acaba seguido por um suicídio.

Na análise elaborada nesta monografia, tendo como base entrevistas de editores de jornais da cidade e outros agentes que pudessem auxiliar no entendimento do suicídio como notícia, parece claro que a falta de orientação em relação ao tema do suicídio é reflexo do tabu que a sociedade ainda encontra ao tratar do tema da morte voluntária, raro em discussões e nos meios de comunicação. O assunto é pouco explorado nos principais manuais de redação do país ou mesmo nos códigos de ética que deveriam orientar o fazer jornalístico, o que é

suficiente para exemplificar a baixa prioridade que a discussão sobre temas relacionados ao suicídio possui no dia a dia da redação.

O jornalista que buscar informações sobre o tratamento que deve dar à informação ao realizar coberturas sobre o assunto irá se deparar, além das orientações repassadas através do trabalho diário, com pouco material disponível acerca do assunto – o principal estudo sobre a cobertura midiática do suicídio, realizado pela Organização Mundial da Saúde, possui como principal atribuição tentar conter o número de suicídios no mundo, não dedicando espaço para o respeito para com a vítima e sua família. Nas redações, apesar de haver certo consenso entre os jornalistas a respeito do que deve ser noticiado, ainda falta debate sobre o tema.

A visão que se possui do leitor é bastante divergente. Como não são realizados estudos capazes de indicar a percepção do público em relação a notícias sobre suicídio, a atividade profissional cotidiana tem cumprido importante papel na formação dos jornalistas que possam vir a trabalhar com o tema. Apesar de os profissionais entrevistados discordarem sobre o conhecimento do leitor sobre a publicação de notícias acerca de suicídio, eles se mostram unânimes em apontar que o público elogia quando o jornal publica reportagens aprofundadas, que visam fazer cobranças ou alterar uma sequência alarmante.

Com a realização desta monografia, pretendi estimular o debate sobre um assunto que tem estado ausente das redações e, de certa forma, da sociedade em geral. O número de suicídios aumenta a cada ano, mas o jornalismo impresso do Distrito Federal tem dado espaço para o tema somente em raras oportunidades. Muito além de discutir sobre o risco de contágio, o jornalista precisa agregar valor ao material que produz, gerando informação de serviço e utilidade pública. Auxiliar na orientação da sociedade, seja mostrando alternativas ao ato suicida ou educando a convivência de familiares e amigos, faz parte do papel social que deve desempenhar aquele que se comunica com ela.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Alfred. *The savage God: a study of suicide*. Londres: Bloomsbury, 2002.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada – Padrões da cultura japonesa*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Brasil. CÓDIGO PENAL. Disponível em http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf. Acesso em: 17 nov. 2011.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMERON, Rondo. *France and the economic development of Europe (1800-1914)*. Inglaterra: Routledge, 2000.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

CUNHA NOVO, Gustavo. *A nova cara do velho tabloide – Valores-notícia nos jornais populares*. 2010. Tese de mestrado disponível em http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/7017/1/2010_GustavoCunhaNovo.pdf. Acesso em: 21 nov. 2011.

DAPIEVE, Arthur. *Morreu na contramão – O suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Código de ética dos jornalistas brasileiros*. Vitória, 04 ago. 2010. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 19 jan. 2010.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2010.

GARCIA, Luiz (org.). *Manual de redação e estilo de O Globo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1992.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: L&PM, 2001.

GOODWIN, Eugene. *Chocante!*. in: Procura-se ética no jornalismo. Rio de Janeiro: Nórdica, 2003.

HOTTOIS, Gilbert; MISSA Jean-Nöel. *Nouvelle encyclopédie de bioéthique: médecine, environnement, biotechnologie*. Bruxelas: De Boeck & Larcier, 2001.

JORGE, Thaís de Mendonça. *A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa*. In: UNIrevista – vol. 1, nº 3. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Jorge.pdf>. Acesso em: 29 out. 2011. São Leopoldo, 2006.

JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca – Guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

MARCOS, Roxana (org.) *Tratamiento de las prácticas suicidas en los medios audiovisuales*. Disponível em: <<http://www.afsca.gob.ar/web/Varios/Estudios/tratamiento-practicas-suicidas.pdf>>. Autoridad Federal de Servicios de Comunicación Audiovisual: 2010. Acesso em: 24 out. 2011.

MARTINS, Eduardo (org.). *Manual de redação e estilo O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

NOGUEIRA, Nemércio. *Jornalismo é...* Rio de Janeiro: Xenon, 1996.

NUCCI, Celso. (org) *Manual de Jornalismo da Radiobrás*. Disponível em <<http://www.jornalismodigital.org/wp-content/uploads/2010/05/Manual-de-Jornalismo-Radiobras.pdf>>. Acesso em 26 set. 2011.

O DIA. *Manual de redação e texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Editora O Dia, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. Genebra, 2000.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e violência – Tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo – Questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

RESTREPO, Javier Darío. *Una crisis de quiebras y suicidios*. 2008. Disponível em <<http://media.terra.com.br/terramagazine/interna/0,,OI3278472-EI11566,00.html>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

SAMPAIO, Daniel. *Ninguém morre sozinho – O adolescente e o suicídio*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 1991.

SAVOIE, Charles. *Monetary madhouse*. Disponível em http://www.silverinvestor.com/charlessavoie/cs_3-29-05_monetarymadhouse.htm>. 2005. Acesso em: 10 dez. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. *Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia*. Universidade Fernando Pessoa. Disponível em <<http://booc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2011.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza; MALAQUIAS, Juaci Vitória. *Suicide among young people in selected Brazilian State capitals*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v18n3/9295.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.

SQUARISI, Dad. *Manual de redação e estilo*. Brasília: Assis Chateaubriand, 2005.

STACK, Steven. *Media coverage as a risk factor in suicide*. Disponível em <<http://jech.bmj.com/content/57/4/238.full.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2011.

VIZUETE, José Ignacio Armentia; MARCET, José Maria Caminos. *Fundamentos de periodismo impreso*. Barcelona: Ariel, 2004.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

Apêndices

Estão elencadas, nos apêndices, as entrevistas realizadas com quatro jornalistas, uma autoridade policial e uma antropóloga.

Apêndice A: Roteiro das entrevistas

Para Marconi e Lakatos, a entrevista “é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica” (1992, p. 107), capaz de proporcionar ao entrevistador a informação que este procura, seja para a averiguação de fatos ou a descoberta de planos de ação. Para realizar entrevistas estruturadas, foi criado um roteiro de perguntas a serem realizadas nas entrevistas com os editores dos jornais *Aqui DF*, *Jornal de Brasília* e *Correio Braziliense*, a saber:

1. Quando o suicídio é notícia? As notícias sobre suicídio são tratadas de forma diferente nas editoriais local, internacional, cultura, esporte?
2. Há discussões sobre a publicação ou não de notícias sobre suicídio, na imprensa? E na sua redação? Se sim, com que frequência? Se não, sente falta?
3. Quando há dúvida sobre o fato de a morte ser ou não suicida, qual costuma ser o procedimento?
4. No fim de junho, na quadra QNN 20 de Ceilândia, houve um homicídio e um suicídio no mesmo dia. Em todos os jornais, só o homicídio foi notícia. O fato de a notícia sobre suicídio estar ausente da cobertura local de polícia pode afetar a credibilidade da imprensa naquela comunidade específica?
5. Segundo Arthur Dapieve, os veículos de comunicação têm evitado a publicação de notícias sobre suicídio com o argumento de que existiria contágio e que outras pessoas poderiam emular essa ação. Mesmo assim, o suicídio foi a causa de morte violenta que mais cresceu de 1998 para 2008. O que leva a crer que realmente haja uma relação entre a publicação desse tipo de notícia e o número de suicídios?
6. Em casos de homicídio seguido de suicídio, a ideia de contágio não estaria presente?

7. Os jornais recebem reclamações quando publicam notícias ou fotografias sobre suicídio?

8. Você sente falta de alguma orientação sobre esse tema? A ausência de orientações do tipo no código de ética é algo que você acha relevante?

Apêndice B: Transcrição das entrevistas realizadas

B.1 Leonardo Meireles, editor-chefe do jornal *Aqui DF*.
Entrevista realizada em 26 de setembro de 2011.

Pelo que você pode perceber em sua experiência jornalística, quando o suicídio é notícia para a imprensa brasileira?

"Pra imprensa brasileira" é muita coisa, né? São casos específicos, na verdade. Mas quando tem alguma, vamos dizer assim, tragédia não só pessoal, mas que envolve mais pessoas. E aí vamos colocar, por exemplo, quando o cara mata a esposa e depois se mata, ou no caso do menino da escola de São Paulo que atirou na professora e depois se matou, ou então um caso de celebridade, que de uma forma ou de outra você mexe com outras pessoas por ser uma celebridade, por ser uma pessoa pública você mexe com o fanatismo e esse tipo de coisa. Acho que são as únicas vezes em que a imprensa brasileira, sem exceção, abre caminho para o suicídio. Aí tem exceções que mais confirmam a regra, são coisas que acontecem tantas vezes que acaba que a mídia tem que fazer aquela matéria até por uma questão de saúde pública, de segurança pública, como foi o caso dos inúmeros suicídios que aconteceram no Pátio Brasil, acabou se tornando matéria no *Correio Braziliense*, mas mais com a preocupação de avisar às autoridades que precisava ser feita alguma coisa pra parar aquilo, né? Eu acho que, de uma forma ou de outra, apesar de tudo, é um caminho razoável pra ser tomado porque o suicídio, por se tratar, antes de tudo, de uma questão pessoal, tem que ser tratado com muito cuidado. Acho que basicamente é isso, quando você atinge outra pessoa ou quando é caso de celebridades.

No *Aqui DF*, também são nestes casos que o suicídio vira notícia?

Basicamente, sim. Quando o marido mata a mulher e depois se mata, esse tipo de coisa. Nunca aconteceu aqui algum outro caso que merecesse um destaque maior, então acho que só desse jeito mesmo.

O suicídio é tratado de forma diferente se for noticiado na editoria local, ou na de esporte, ou na de lazer?

Não, sempre é tratado da mesma forma. Você tem que ter muito cuidado, tem umas regrinhas básicas que a gente segue que são coisas até... Não tenho certeza se foi uma recomendação da Unicef...

Da OMS?

Isso, da OMS, de como tratar suicídio e tal. Então a gente tem que tomar muito cuidado de qualquer forma. Por exemplo, vou dar um exemplo específico: eu vou evitar muito, muito dar na capa esse tipo de notícia para não chamar atenção do ponto de vista sensacionalista. É óbvio que não dá pra fechar os olhos para uma história que seja local, por exemplo, aí nesse caso então talvez tenha uma diferenciação. Talvez se for uma coisa local, a gente dê uma chamada na capa. Vai depender de muita, muita, muita variável envolvida. Se, por exemplo, o crime ocorreu na frente de menores, se o suicídio foi feito de uma forma muito brutal, e isso é uma coisa que a OMS também coloca, de não ficar dando detalhe sobre o suicídio. É meio que, falando de uma forma bem informal, pra não dar ideia mesmo. Mas em princípio a gente trata sempre do mesmo jeito, sem sensacionalismo, tomando todos esses cuidados de discricção, tentando ouvir se tinha algum por que para esse suicídio. Você tem que deixar bem claro que foi por causa de problema mental, por causa disso, por causa daquilo, nunca simplificar a coisa. 'Ah, foi por ciúme'. Não existe, você tem que ter mais coisa para explicar isso, é uma atitude última de um ser humano, que por isso mesmo não pode ser simplificada dessa forma. E talvez a gente abra uma exceção se acontecer na editoria local, mas no restante a gente tenta fazer com que seja feita sem chamada na capa e esse tipo de coisa.

E na redação há algum tipo de discussão sobre a publicação ou não de notícias sobre o suicídio, jornalistas discutem isso?

Tem. Das poucas vezes que a gente teve casos assim por aqui, a gente sempre dá uma discutida pra ver como a gente dá, todos os cuidados, até porque eu mesmo faço questão de dar uma olhada no texto antes pra ver como é que tá, pra não ter erro, pra não ficar uma coisa sensacionalista, de uma forma que a OMS não indique. A gente acaba falando muito da OMS, mas na verdade é uma questão de bom senso mesmo, né? Mas a gente discute sim. Me lembro de uma vez que aconteceu o de um cara em Taguatinga que matou a esposa e depois se matou, se não me engano na Praça do Relógio. Agora tô me lembrando de mais alguns casos desse tipo, sempre colocados como se fosse passional, que pra mim também é um meio de simplificar a coisa, então a gente tem evitado muito usar a palavra 'passional'. A gente discute como é que fica, tenta esconder algumas coisas. Lembro de um caso de um cara que matou a esposa e cometeu suicídio na frente da filha. A gente evitou falar isso, que foi na frente da criança e tudo mais, só falou que o cara tinha uma filha. Tem esse espaço pra se discutir aqui, mas no geral aqui não se entra muito em polêmicas, as pessoas sabem como deve ser contada esse tipo de história.

Essa foi pra capa?

Foi, foi manchete inclusive. Essa de Taguatinga eu tenho certeza que foi, essa outra que foi no Gama, não tenho certeza... Mas foi, foi. Mas tiveram vários outros casos que não, que eu não quis dar (na capa). Até porque é isso que tô falando. Assim como no suicídio é difícil explicar, pra você dar uma notícia dessa forma você tem muitas variáveis, tem que ficar muito bem explicado que o cara já tinha um comportamento ruim, que o casal já tava cheio de brigas, esse tipo de coisa. Se não tiver esse tipo de detalhe, fica complicado dar para conseguir explicar esse suicídio. Se for pra ficar muito simplista, eu prefiro não dar. Ou dar pequeno demais pra não dar muito detalhe.

E quando há dúvida sobre a morte ser suicídio ou não, qual o procedimento tomado?

Geralmente a gente pega isso da polícia, né? Você tá falando disso, né?

Sim, quando nem a polícia sabe dizer com certeza se foi ou não. Teve aquele caso, por exemplo, de um corpo achado no esgoto de Taguatinga, que ainda não sabiam dizer, daí só mais tarde é que disseram 'ok, não é suicídio'.

Deixa eu ver se tem mais algum caso, porque esse se resolveu... Geralmente, quando perguntam pra mim, eu prefiro não colocar. Se existe essa dúvida, não coloca.

Não entra a matéria ou não entra a dúvida?

Não entra a matéria. Porque aí fica muito, muito... Não é questão de dar muito detalhe, aí você não tem detalhe nenhum e ainda tem um monte de dúvida! Isso aí não é notícia, né? Quando tiver mais coisa, aí sim. Nesse caso específico a gente teve a confirmação depois, mais tarde. Mas eu prefiro simplesmente não colocar, se houver dúvida. Pode ter passado uma vez ou outra, pode ter acontecido, mas se chegar a mim, não entra não.

O professor Jorge Pedro Sousa fala que o jornal pode sofrer uma espécie de autocensura, reproduzindo uma ideologia dominante ou optando pelas opções pessoais do próprio jornalista. O receito quanto a uma possível reação do leitor pode ser considerada autocensura?

Pode, claro. Uma censura no ponto de vista... Queria pegar outros exemplos de casos que não sejam suicídio, mas que a gente já tenha uma censura editorial, digamos assim, assumindo nosso papel de formador, não só de informador. Isso acontece não só em caso de suicídios, isso acontece e seria hipocrisia da minha parte falar que não. Isso acontece em vários tipos de assunto. Vou dar um exemplo radical. Tá tendo muito saque em Taguatinga. Aí a gente explica: 'Ó, tá tendo muito saque em Taguatinga pelo seguinte, além de não ter policiamento, as lojas não tem cadeado, elas ficam abertas'. Pra que que eu vou falar um negócio desse? Pra que as pessoas vão lá e saqueiem? Então a gente prefere fazer de outra forma, falar que a segurança está ruim, aí entrevista a polícia e vê o que tá sendo feito, esse tipo de coisa. Mas isso é só um exemplo pra mostrar que existe esse tipo de censura, que eu não chamaria de censura, mas vá lá, pra não fugir da pergunta, pra gente cumprir nosso papel de formador.

E há uma preocupação em passar isso pra equipe, que isso saia dos editores e chegue aos repórteres?

Não. Não existe muita preocupação, mas isso é até um caso específico... Mas não, nem lá no *Correio*, quando eu trabalhava lá não existia esse tipo de coisa, não. Mas pro *Aqui* tem uma explicação, por causa da rotatividade da equipe. Se toda vez a gente tiver que fazer uma lista entre as pessoas e a gente falar, é preferível eu falar pra um subeditor que cuida dessa parte específica, ele fica sabendo, e quando o repórter chega com essa dúvida, com essa matéria, a gente explica. Mesmo porque se a gente explicar aqui, aqui é uma coisa, não é uma regra, isso não vai acontecer em outros jornais, apesar de a gente meio que seguir o que o *Correio* faz em várias coisas. Isso é uma delas, eu não ajo muito diferente do *Correio*, não. Pode acontecer uma coisa agora e aí eu ter que me contradizer completamente, mas até hoje, no dia a dia de trabalho lá e aqui, nunca teve esse tipo de coisa.

Em junho, teve na QNN 20 de Ceilândia um homicídio e um suicídio na mesma quadra. Em todos os jornais, o homicídio foi notícia e o suicídio não. Isso pode afetar a credibilidade da imprensa naquela comunidade?

Não, eu não acho... Eu não sei o que os caras falaram ali, se falaram 'pô, eles não falaram do suicídio' e tudo mais. Mas nesse dia, eu não vou saber especificamente que caso que é, de repente era um suicídio dentro de casa, alguma coisa desse tipo, que você não vai ter a explicação de por que o cara se suicidou, não vai ter a história dele, a história anterior e tal. Fica uma coisa incompleta demais, perigosa demais pra você publicar. Eu acho muito melhor você apontar o homicídio e apontar as causas pra que a segurança pública possa agir lá do que pra um suicídio que você não tem muita informação, e aí de repente você tem que simplificar o assunto, sabe? Não só o negócio do contágio, de dar ideia pra outras pessoas, mas pra não afetar a imagem daquela pessoa que se suicidou e também da família dela. Tem que ter muito esse cuidado com a família de quem se suicidou também, né? Por isso eu acho que não afeta a confiabilidade, não.

Nessa questão do contágio, o Arthur Dapieve diz que os veículos de comunicação têm evitado a publicação de notícias sobre suicídio com o argumento de que existiria contágio e que outras pessoas poderiam emular...

(cortando) Não, não funciona desse jeito. Existe essa preocupação, óbvio que existe essa preocupação quando você dá detalhe demais. Se você começa a dar detalhe demais, 'olha, nesse ponto específico do Pátio Brasil se pula desse jeito (gesticulando), primeiro você apoia as pernas no parapeito e depois se joga e tal', sabe... Não tem porque você fazer esse tipo de coisa. Aí sim pode ser que exista esse contágio. No geral, se você explica bem a situação toda, que o cara tinha uma doença mental, o cara vinha brigando com a mulher há vários meses e descobriu uma traição no último mês, e era muito nervoso no trabalho, esse tipo de coisa, você coloca numa situação tal que a pessoa que tá lendo aquilo ali não vai se sentir identificada com aquele problema, com aquela sequência histórica, porque você transforma aquilo numa coisa muito pessoal. Não dá pra abranger. Eu não tenho muito medo dessa contaminação, desse contágio. A não ser se você der muito detalhe, da forma como foi cometido esse suicídio, acho que de resto não tem problema. Não é por causa disso que não dou, é mais pelo respeito à pessoa e aos familiares, isso eu acho mais importante.

Ainda na ideia de contágio, quando a gente tem um homicídio seguido de suicídio, então não existiria esse contágio?

De uma forma ou de outra é preocupante porque você acaba... É isso que tô falando, tem que ter muito detalhe sobre toda a história. Preocupado, a gente fica. Mas ao mesmo tempo você não pode parar de fazer notícia pensando que 'ah, agora todos os policiais civis vão ter essa ideia de fazer isso'. Você não tem só pessoas com problemas mentais na sociedade, eu tô falando isso seriamente. Você não tem só pessoas com problemas mentais dentro da Polícia Civil, mas se você de repente faz uma matéria desse tipo falando que você tem muitos problemas desse tipo com policiais... Lembrei de outro que aconteceu do lado do meu apartamento em Águas Claras, era um policial civil também. É uma matéria, é uma matéria boa, que ajuda a sociedade e que você pode mostrar pra polícia Civil, pra Polícia Militar que por causa da pressão do trabalho e esse tipo de coisa os casos de suicídio são maiores nesse tipo de profissão. Então, poxa, segurança pública, tome cuidado com isso, faça um trabalho de saúde mental com esses policiais, um trabalho preventivo com eles pra que isso não aconteça. Aliás, isso é uma boa pauta. Mas você faz como prevenção. Enfim, você fica um pouco preocupado por todo esse preconceito que vem da imprensa como um todo de 'você fala em suicídio, a pessoa vai se suicidar', né? Da mítica pesquisa da Noruega ou da Suécia de que esses caras pesquisaram e viram que dar notícia de suicídio aumenta em 15% o suicídio nos próximos cinco dias. Nunca existiu essa pesquisa ou pelo menos eu nunca

encontrei nada parecido com isso, então isso acabou virando um preconceito e você fica realmente com esse medo mesmo, às vezes a gente mesmo não deve ser contaminado com esse medo de contágio da notícia.

Alguma parte da imprensa, pelo que você viu e já conheceu, então acaba...

(cortando) Sim, sim, com certeza. Da primeira vez que eu perguntei, eu não sei pra quem foi, mas foi pra um jornalista, e aí ele disse 'não!' e citou essa pesquisa, e outras pessoas pra quem eu perguntava também citavam essa pesquisa, até o dia que eu tive a curiosidade de pesquisar sobre isso e não encontrei absolutamente nada. As coisas mais interessantes que encontrei sobre isso foi exatamente aquela pesquisa da OMS e um artigo no Observatório da Imprensa sobre como a imprensa trata, todo esse problema do preconceito a ideia concebida dessa pesquisa e tudo mais. Mas, desde então, e isso tem mais ou menos um ano, e depois vocês conversando aqui dentro sobre isso, aí não sei se foi esse ano ou se foi ano passado, aí eu cheguei nesse artigo do Observatório e então a gente tem feito essa... Mas desde antes, minha preocupação maior não era com esse negócio do contágio, não. Eu sempre questionei isso, apesar de acreditar na pesquisa, eu sempre questionava isso, minha preocupação maior era com o respeito ao suicida e à família dele.

E quando há publicação de notícias sobre suicídio há reclamação do leitor?

Olha, nunca vi ninguém ligar pra cá...

Nem pra cá, nem pra nenhum outro jornal?

Lá no *Correio*, que eu me lembro... Não era muito minha área, lá eu cobria esportes, mas eu realmente não me lembro de ninguém falando em reunião ou esse tipo de coisa. Mesmo porque se dá muito pouco, né? Se fosse uma coisa assim tão contagiosa, vamos dizer assim, se as pessoas tivessem muito medo, eu tenho certeza que a gente ia ter. Quando o *Correio* deu a matéria sobre os suicídios no Pátio Brasil, eu lembro de ter chegado muitas cartas, muitos e-mails elogiando a matéria porque todos eles achavam que realmente precisava ter alguma segurança ali, porque era muito aberto, uma coisa muito fácil de acontecer. Mas nunca vi nenhuma reclamação do tipo 'ah, não deem isso', absolutamente nenhuma.

Você sente falta de uma orientação sobre esse tema?

Eu senti por muito tempo, né? Agora, principalmente com essa coisa da OMS e aí falando mais a respeito do tema, aí você começa a formar um pouco suas ideias, começa a se informar mais pra ver porque que não se dá suicídio. Não é por medo do contágio, mas por respeito. Quando você pensa desse jeito, você coloca um limite bem mais palpável do que uma pesquisa que não existe. E quando você tem principalmente essas orientações pra dar de um jeito certo. Não é só não dar, o jeito certo. Porque muitos jornalistas pensam 'o melhor jeito de dar suicídio é não dar'. Não, você tem formas e formas de dar suicídio, mas não é com estardalhaço e nem com sensacionalismo. E isso eu tô falando trabalhando num jornal popular que a princípio seria, segundo o preconceito, de acordo com uma tese pré-concebida, seria um jornal sensacionalista do ponto de vista editorial, o que eu realmente não considero. Mas eu não tô todo dia na academia pra me defender, né?

E a ausência do tema nos códigos de ética do jornalismo, você acha isso relevante?

Tinha que ter alguma coisa, com certeza. É um assunto muito delicado, parece que as pessoas fogem disso, não se tem uma discussão muito grande disso na sociedade como um todo, as pessoas tem medo de conversar sobre isso. Não falo só no código de ética do jornalista, que deveria ter, pelo amor de Deus, tinha que ter alguma coisa falando sobre isso, mesmo que fosse um anexo já colocando essa coisa da OMS. Mas é na sociedade como um todo. Quantas vezes você já viu um programa falando sobre suicídio na televisão? Agora, quantos você já viu falando sobre a quantidade de homicídios de um setor da cidade, pesquisas que saem de seis em seis meses da Secretaria de Segurança Pública sobre violência... E suicídio? É uma coisa difícil. Você já viu tratar disso em novela, que é uma coisa mais popular? (grita para a redação) Alguém aqui que acompanha novela já viu suicídio em novela? (citam três exemplos) Ou seja, a novela trata isso como uma solução, entendeu? É uma coisa rasa. Eu já vi novela falando sobre a coisa de se pegar um órfão pra criar e aí você tem toda uma história em cima disso, em *O Clone* você tinha toda uma discussão de como é que clona, por que é que clona, quais as coisas éticas em volta disso... A Alinne Moraes fez um papel em que era portadora de deficiência, parálitica, uma novela inteira sobre isso, um problema que é super válido, aliás. Mas nada, absolutamente nada sobre suicídio. O suicídio

dentro de novelas é só uma solução, inclusive filmes eu vi muito pouco que trata sobre esse assunto. Então acho que falta essa discussão não só dentro do código de ética do jornalista, mas na sociedade como um todo. Eu queria ver, por exemplo, um *Altas Horas* discutindo isso. Não é um programa inteligente e tudo mais? Eu queria discutir, queria ver isso. Pra não falar que eu nunca vi, eu vi uma vez um programa na GNT, um documentário sobre isso, eu não vou lembrar agora o nome de jeito nenhum, mas é engraçado porque nesse programa os cortes são muito iguais a essa orientação da OMS, a esse artigo do Observatório da Imprensa, são muito iguais sobre essa coisa do respeito, de você tentar encontrar várias causas, não só uma causa. Acho isso interessante, mas ainda falta muito.

Acha que tem mais alguma coisa que seria interessante ser falada?

Não... É, tem umas coisas que a gente vai lembrando. Por exemplo, de você não glorificar o suicida também, porque respeitar não é glorificar. Acabei de ver uma coisa aqui que eu nem tinha visto. (mexe no computador) Tem um manual para profissionais da mídia que fala sobre isso, nunca tinha ouvido falar... Olha, sobre o suicídio que não dá certo. Tanto na OMS quanto aqui, fala que você tem que descrever com detalhes o que que aconteceu depois, se o cara ficou tetraplégico, teve dano cerebral e tudo mais, porque isso desencorajaria. Isso aí eu coisa que eu já tinha lido e que eu discordava. Do mesmo modo que você não acredita na coisa do contágio, você também não deve apostar nisso pra fazer a pessoa desistir de tentar por causa desse tipo de coisa.

Então o que te move na hora desse tipo de questionamento é mais o respeito à pessoa e menos a ideia de contágio?

Exatamente, acho que isso é o mais importante. Se fosse desse jeito, aí você não ia precisar se preocupar com contágio. Mesmo com todas essas coisas, de não fazer coisa simplista, você tá tendo respeito com a família, você prova que tem todo um contexto pra acontecer aquilo dali. Quando você não glorifica o suicida, do mesmo jeito. Não é colocar ele como um coitado, mas também não colocar ele como um herói, porque isso acaba atrapalhando a família.

Os repórteres estão preparados para cobrir esse tipo de tema?

Não, a universidade não forma o estudante pra isso e aqui dentro do mercado de trabalho, muito menos. A pessoa tem que ser autodidata nesse tipo de coisa, aprende na base da porrada, do dia a dia. Você faz a coisa e te corrigem. É por isso que tô falando, não é preparado para cobrir esse tipo de coisa porque na sociedade em geral não tem uma discussão sobre o suicídio, é um assunto tabu, as pessoas morrem de medo de falar sobre isso, parece que quando fala vai acontecer, sabe? Um fantasma ou um negócio assim. É algo que realmente falta discussão dentro da sociedade. É mais ou menos o que aconteceu com a AIDS, no começo, que era também um tabu, mas depois você foi começando a falar, falar, falar, até quando perceberam que a melhor arma pra isso é a informação. Quanto mais informação a pessoa tivesse, menos chance tinha de contrair o vírus HIV. Acho que é por aí.

B.2 Laércio Rossetto, então delegado-chefe da 5ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, responsável pela área central de Brasília. Entrevista realizada em 29 de setembro de 2011.

Às vezes, acontece um caso de suicídio e a imprensa não tem acesso a informações do caso. Há uma orientação por parte...

Olha, o que foi colocado pra mim, uma vez, é que a imprensa não publica (casos de) suicídio. Sempre que tem um caso assim, então a gente nem procura passar. Mas, dependendo dos casos, a cobrança da mídia é muito importante. Aquele surto que acontecia no Pátio Brasil é um exemplo, vocês bateram em cima e agora encheram de vidro o miolo do Pátio, estão tomando mais cuidado.

Quando há um homicídio seguido de suicídio, as informações são passadas à imprensa?

Esses casos chamam atenção, a mídia sempre dá. É que nem esse caso agora lá em São Paulo, do menino que matou a professora e se matou depois³¹. Quando é um homicídio

³¹ Em 22 de setembro de 2011, dentro de uma escola pública de São Caetano do Sul (SP), um garoto de 10 anos atirou contra a professora e se matou em seguida. Ela sobreviveu.

seguido de suicídio, ou quando a pessoa é mantida em cárcere privado por muito tempo e isso leva ao suicídio, ou quando ele mata a companheira e se mata depois... Esse tipo de coisa a gente passa, sim.

Os casos de homicídio são passados à imprensa com frequência, muitas vezes pautam o noticiário. Por que os casos de suicídio não seguem esse padrão?

A gente não tem obrigatoriedade de passar informações, né? (pausa) Mas é coisa de delegado para delegado, não tem orientação de cima. Em casos assim, você acaba expondo os parentes. É coisa de sofrimento, de dor forte, então a gente trata isso com muito cuidado. É diferente de quando você prende o estuprador e precisa mostrar para a sociedade que ele foi preso, que este problema foi resolvido. A gente usa a mídia pra informar.

O senhor, por exemplo, não passaria esse tipo de informações?

A gente passa quando é caso específico, que nem foi com o Pátio Brasil. Os dados vieram da minha DP (delegacia de polícia). A população precisava saber daquilo, uma medida precisava ser tomada. É que nem na rodoviária (do Plano Piloto). Quantos suicídios você acha que tem lá?

Não sei.

Tem muitos!

Quantos foram, nesse ano?

Já foram três, eu acho. Ou quatro. Muita gente pula ali embaixo, só que esse tipo de informação a gente evita passar.

Por quê?

Porque os parentes ficam muito consternados. Não é questão de sonegar informação, é porque não precisa passar mesmo.

O senhor acredita que a publicação de notícias de suicídio pode levar outras pessoas a se suicidar?

Isso vai de caso a caso, porque a mente do suicida é um mistério, nem sou a pessoa mais indicada pra falar disso. Minha opinião pessoal é de que não é a notícia que leva a isso. Isso vem de uma insatisfação profunda, da depressão, ele já vem determinado a tirar a própria vida. Não é ler uma notícia sobre um suicídio que vai fazer ele se matar. Se você ver, entre pessoas normais, que não tinham um tratamento psíquico em andamento, o suicídio é raro.

O senhor acha que tem mais alguma coisa de interessante a ser falada?

Acho que você tem que conversar com a doutora Conceição Krause³², que é psicanalista nossa, ela já estudou muito a mente do suicida, o perfil do suicida. Eu não sou a pessoa mais indicada pra falar disso. Tem uns que se matam em lugares fechados e outros em lugares públicos pra chamar atenção. Tem que falar com os jornalistas também, repórteres, editores. Os jornalistas devem saber melhor como é feito isso, esse tipo de cobertura.

B.3 Clarisse Jabur, antropóloga que viveu oito anos entre índios ianomâmis, em Roraima. Entrevista realizada em 25 de outubro de 2011.

Hoje, você está ligada a algum órgão?

Eu trabalhei no Ministério da Educação agora, mas na verdade eu trabalhei oito anos com os ianomâmis, principalmente com os sanumás, o grupo linguístico que saiu (em reportagens veiculadas em 2005). Então nessa época, em 2004 e 2005, eu estava em Uauaris, região em que eles se mataram e que saiu nessa reportagem do Estadão. Assim, uma coisa importante é que é engraçado por que é que saiu sendo que quem realmente comete suicídio frequentemente são os ye'kuana, que é outro grupo, outro tronco linguístico, mas moram na

³² Foram realizadas diversas tentativas de contato com a psicanalista, através da Divisão de Comunicação da Polícia Civil, porém todas se revelaram infrutíferas.

terra ianomâmi, nessa região, mora o sanumá de um lado do rio e o ye'kuana do outro. O ye'kuana comete suicídio há muito tempo, sempre uma coisa meio de explicação cosmológica. E os sanumás começaram a fazer isso, mas isso não era deles, entendeu? Não existe suicídio ianomâmi, então foi uma troca cultural, assim.

E como é que isso foi transmitido?

Então, os sanumás... Tem quatro grupos ianomâmis e os sanumás são os mais diferentes, eles se diferenciaram tanto pela língua, é uma língua bem mais afastada que as outras, e por morar com os ye'kuana há muito tempo, eles aprenderam a usar e a fazer os mesmos artefatos, eles têm zarabatana, coisa que os outros ianomâmis geralmente não têm. Isso é tudo dos ye'kuana, o jeito de roça, um monte de coisa. Então eles também pegam palavras. E os ye'kuana, mesmo morando um ao lado do outro, são totalmente diferentes em termos de contato com o branco. Eles têm contato há séculos. Eles é que trouxeram os brancos pra lá. Eles iam vender canoa em Boa Vista e saiam de Uauaris um mês e levavam os sanumás como trabalhadores, para carregar e tal. Sempre teve essa relação entre eles meio de simbiose. Estão vivendo juntos, no passado tiveram guerras e tudo, mas estão lá juntos, casamentos interculturais. Na Venezuela, eles moram muito juntos, mais do que aqui. Mas, assim, eles pegam modos, os jovens... Ah, as roupas que os ye'kuana tão usando... Aí eles começam a usar também. E o suicídio sanumá ele é totalmente jovem. Você não tem velho cometendo suicídio. É sempre o mesmo padrão, são jovens que falam, sempre dizem que vão se matar, ninguém vai se matar sem falar. "Hoje, vou fazer isso". E saem e aí sempre por motivos geralmente banais, sei lá, briga com mulher, brigou com o pai, ciúmes, esses mesmos... Os últimos foram, assim, bem... Pessoas que eu conhecia, assim. Gente como a gente...

Você ficou quanto tempo por lá?

Fiquei de 2002 até 2010.

E o primeiro caso entre sanumás é de 2001 mesmo?

Então, sanumá, eu acho que sim. Ye'kuana, não. Mas, agora, por que é que saiu justamente dos sanumás na mídia, e não dos ye'kuana? Eu acho que é porque os ianomâmis

são os índios famosos, isso chama, não sei. Eu sempre vejo a mídia, assim, tentando chamar atenção pra coisas meio que já conhecidas, não adianta "ah, suicídio ye'kuana". E daí, né? Quem são os ye'kuana? Ninguém sabe. Agora, ianomâmi todo mundo sabe e isso sai nos jornais internacionais também, né?

Aquela matéria do Estadão fez rebuliço entre antropólogos, o que você achou dela, com a visão de quem tava ali dentro?

Eu lembro que a gente... Eu trabalhava na OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos), na época. Então a gente "pôxa, saiu no Estadão, né?". Isso saiu no Estadão através de um missionário. O que tá lá é um missionário e os missionários tentam as campanhas, não é? Pra mim, isso é simplista. Pra eles, são campanhas contra o infanticídio... E isso entra na mesma onda.

Missionário religioso?

É, evangélico. Isso saiu na mídia desse jeito. Eu não sei se é o que dá visibilidade pra história, formou opinião pública porque eles tão tentando aprovar projetos contra o infanticídio, criminalizando o infanticídio indígena, que é uma questão super complicada. Pra mim, o suicídio entra na mesma coisa. Eles ficam demonstrando que os índios são primitivos, que não se pode fazer isso... Enfim, as explicações são muitas, né, pra que esse negócio acontece.

Sempre tem acontecido casos de suicídio entre sanumás, desde aquele primeiro?

Mas lá, recentemente, não aconteceram muitos, não. É uma coisa que vai e volta, sabe? Uma onda. Quem estuda o suicídio geralmente diz que o suicídio é uma epidemia porque sempre que um comete e consegue se matar realmente, tem dez atrás, que tentaram. E sempre um da família meio que contamina o outro. Isso nos sanumás aconteceu, foi uma família, várias pessoas tentaram, dois conseguiram, mas começou em 2005 com os ye'kuana, que eles eram soldados, lá tem uma base militar do exército, de fronteira. Eles eram soldados e se enforcaram lá dentro. Aí os outros saíram fora do exército, isso é uma coisa muito ye'kuana, não tem outros ianomâmis que fazem suicídio.

E os sanumás se matavam com enforcamento também?

Sim, não é nada ianomâmi. Então eles pegaram, imitaram.

Quantas pessoas moram na aldeia?

Essa Uauaris é a mais populosa das terras ianomâmis, tem umas 2 mil pessoas lá, que vivem em umas 20 aldeias. Mas tem uma grande concentração populacional perto da pista de pouso, aberta em 1974, pelos missionários, e todo mundo tem um sedentarismo ali que é ruim, porque tá com pouco espaço pra roça, cada vez mais tem que ir mais longe pra pegar palha, as coisas de coleta das florestas. Enfim, eles não tão vivendo tão bem lá. Eles estão concentrados, eles não moravam assim antes, é uma coisa nova, totalmente por causa da pista de pouso, saúde, escola, acesso a bens materiais.

O que é suicídio para os indígenas?

É uma coisa mais cosmológica. Como lá em Uauaris não tem mais pajé deles, só tem um lá na Venezuela, então eles ficam mais vulneráveis. Sempre indo pra cidade, eles dizem que é porque levam muitas coisas da cidade pra lá, caixa de fósforos, bombom, bebida alcoólica... Tem muita gente alcoólatra, né? E isso também ativa o suicídio, eu acho.

Entre os ye'kuana e os sanumás, o suicídio continua?

Entre os ye'kuana continua. Entre os sanumás, não que acabou, mas ela vai e volta, deu uma amenizada.

Tô perguntando porque é um assunto que parece ter sumido da pauta jornalística.

Eu não vejo... Pra mim, entrou na pauta só porque era sobre os ianomâmis, entendeu? Qualquer coisa lá faz barulho. Essa matéria aí eu não entendo porque foi sanumá e não ye'kuana, acho que é mais por causa de missionário que trabalhava lá. Não sei como que foi que o repórter chegou até ele, ou como ele ficou sabendo. Porque a gente só vê o suicídio guarani. Eu acho que nunca mais apareceu... Com certeza nunca mais apareceu, porque eu tô

sempre ligada nas notícias, recebo aqueles alertas do Google, nunca mais apareceu, não. Talvez essas páginas do missionário tenham as coisas, mas é propaganda deles pra aprovar esses projetos.

Então, você falou do conceito de epidemia. Sempre havia uma relação entre os que se mataram e os que tentaram se matar?

É, sempre tem. Isso é... Os estudos do suicídio mostram isso. Tenho uma amiga trabalhando com suicídios em Carajás, no Vale do Araguaia, aí isso tá acontecendo muito. Parece que o maior índice do suicídio do mundo é entre os índios guarani-kaiowá, na fronteira do Paraguai. Ali, isso sim, tá horrível lá, um negócio pavoroso, mas é outra realidade. Problemas sociais bem mais... Porque os ianomâmis têm a terra demarcada, florestão... Enfim. Por mais que a sedentarização tenha diminuído a área de produção, não se compara a esse pessoal que mora na cidade, esses guaranis, é totalmente diferente.

E quanto à cobertura desses casos de suicídio em indígenas, ela tem preconceitos?

Eu acho que sim. Quando é guarani, ela entra muito com um tom político, social. Isso quando chega na mídia, chega como arma política pra eles conseguirem esses benefícios do governo, como Bolsa Família. Eu não sei se isso diminui os casos de suicídio, não, mas enfim, é a situação da presença do Estado. A cobertura sempre sai com essa coisa imbuída de preconceito, com o índio genérico, ou o índio hiperreal, no caso dos ianomâmis. "Ah, como os ianomâmis são aqueles índios mais puros, isolados, tão cometendo suicídio?" É meio nesse tom, eu vejo assim.

As reportagens que saíram sobre os sanumás retrataram uma realidade que realmente se via ali? Você conseguia se enxergar ali?

Eu acho que ali tinha muitos dados, assim, dados numéricos, estatísticos, mas nenhuma explicação ou tentativa de explicação sobre o motivo disso, dentro da cosmologia ou da cultura ianomâmi, entendeu? Ficou mostrando que é um problema social nos índios, só.

Não se aprofundou, então?

Não, com certeza, não. A coisa mais difícil é uma reportagem que se aprofunda. De índios, então, é sempre muito raro. Saiu que ianomâmi é tronco linguístico... Nem é tronco, esses erros são muito recorrentes, de explicação dos povos pelos jornalistas. E é fácil descobrir, né, a fonte correta? E sempre sai errado.

E a Funai e a Funasa, elas agem tentando combater o suicídio também?

Elas não enxergam isso como uma coisa cultural, ela enxerga como problema social. Esses órgãos enxergam como problema social. Agora, a forma de fazer, sei lá, campanhas contra o suicídio, isso não existe, nunca daria certo lá. Os missionários ficam pregando, mas o índio não entende essa linguagem.

É comum, por lá?

É! Eles falam, o sanumá finge que acha a música bonita, entendeu? Mas ninguém acredita em Deus, ninguém é convertido. Mas eles participam de um curso, mas eu não acredito nessa forma de atuação. Agora, tem algumas organizações indígenas que fazem esse trabalho, mas a realidade desse lado leste de Roraima, que tem vários povos indígenas que moram no lavrado, que é como o cerrado daqui, eles são totalmente diferentes. Não têm nada a ver com os ianomâmis culturalmente. Eles têm uma forma de ação lá diferente, que talvez funcione. Já nos ianomâmis, ela não foi tentada assim, essa coisa de conscientização. Eu acho que não funciona assim, eu acho que tem que ir mais a fundo, tentar descobrir o que os xamãs estão pensando sobre isso, entendeu? Tentar conversar nesse outro nível. Não é "ah, suicídio pra gente é crime", "suicídio pra gente é o horror", mas enfim, pra eles isso tem outras explicações.

Então sempre é trabalhado o lado mais social da coisa, nunca o lado mais cosmológico?

É, nunca. Tão nem aí. Não consegui ainda descobrir o motivo do suicídio dos sanumás. Como é uma coisa nova... Perguntava pros mais velhos o que eles acham disso, por que isso tá acontecendo com os sanumás. E eles "ah, não sei, isso é dos ye'kuana, a gente não sabe". Então é assim, mas eu acho que daqui a pouco eles vão ter elaborado alguma explicação nesse sentido.

O suicídio lá é tratado como tabu?

Não, ele é falado abertamente porque, assim, a pessoa sai e fala que vai se matar, né? A aldeia inteira já fica sabendo. Quando alguém se mata desse jeito, alguns velhos ameaçam quando os jovens falam. Eles ameaçam "ah, então a gente não vai te cremar", que é a pior coisa que pode acontecer pra um sanumá é não ser cremado, entendeu? Aí dá um medinho, assim, mas não impede que ninguém faça. É tratado diferente que nem aqui, é coisa de cultura, quando a morte é um negócio em que o velho não morreu. Nem sempre o suicídio é um problema, não é do mesmo jeito que a gente concebe. Mas pra eles também tem explicação tipo feitiço, veneno que as outras pessoas mandam pra pessoa só ficar pensando nisso, tem isso, também. Acusações entre outros grupos. Mas aí, por exemplo, os sanumás e os ye'kuana fizeram várias reuniões pra tirar da roça o timbó. Esse timbó é uma raiz que eles comem. Se matam por enforcamento e timbó. Só que esse timbó que tem no Brasil, ele não mata desse jeito, entendeu? Esse vem dos índios da Venezuela, porque eles tem relação de troca e eles plantaram na roça deles, os ye'kuana, e ela mata até jacaré. Geralmente o timbó natural mata só peixinho, no máximo. Então eles fizeram reunião e os ye'kuana disseram que eles tinham tirado todos os timbós da roça, mas era mentira, não aconteceu, alguém manteve.

E o timbó³³ era trazido só pra...

Pra pesca. E aí começaram a ingerir esse timbó e ele é muito forte. Em coisa de horas, se não fizer lavagem gástrica, a pessoa morre, com certeza. Ele tira o oxigênio da água, quando joga na água, e os peixes ficam boiando e você vai pegando. Acho que no corpo deve ser mais ou menos assim também. Nem isso a gente sabe, como é que o timbó age no corpo, podia ser um estudo.

Bom... Você acha que tem mais alguma coisa de interessante pra ser dita?

Não... Eu acho só que se você pegar todos os casos de suicídio indígena, sei lá, durante um desses anos, você vai ver que sanumá é uma coisa que, sei lá, escapou da linha do que tava sendo. Foi um negócio muito pontual, nem que se seguiu.

³³ O timbó é uma planta com propriedades narcóticas e venenosas, utilizada em forma de compressas para aliviar dores.

Talvez tenha chamado atenção por causa disso, não?

Mas aí acho que isso sairia dos ye'kuana, né? Os ye'kuana não aparecem. Sei lá, eu fico pensando que é mais por causa dos ianomâmis, isso chama. Eu pesquisei notícias que saem dos ianomâmis sempre, sabe? Um dia eu vou fazer uma estatística do que é que sai, do que não sai, aonde, porque é sempre muito... "ah! Os ianomâmis!" Sabe? O que tem de notícia de jornal ianomâmi nos jornais estrangeiros, é muito mais do que qualquer povo indígena brasileiro. É isso. Acho que foi uma coisa bem pontual.

**B.4 Maria Eugênia, editora-chefe do *Jornal de Brasília*.
Entrevista realizada em 26 de outubro de 2011.**

Em que condições o suicídio se torna notícia, aqui no *Jornal de Brasília*?

Na verdade, a gente... Trabalha o suicídio como notícia quando a gente tem alguma informação de relevância que pode realmente modificar... Ou ajudar as pessoas a não se matarem, por exemplo. São poucas essas ocasiões, né? Nós fizemos recentemente uma matéria, foi inclusive manchete do jornal, porque nós recebemos as estatísticas e detectamos um aumento de 30% no número de suicídios em Brasília. Então a gente achou que seria interessante fazer uma matéria de alerta mostrando esse crescimento, buscando as causas desses suicídios e alertando as famílias, amigos do fato de você estar do lado de uma pessoa depressiva ou com potencial suicida. É uma tentativa de o quê? De evitar isso e reduzir essas estatísticas, né? Desse ponto de vista é uma matéria que a gente entende como relevante. Nós também já tratamos de suicídio, por exemplo, numa matéria que nós fizemos no Pátio Brasil, que era um dos pontos, né, que as pessoas escolhiam para pular e se matar, e eles queriam fazer uma obra de contenção dessa área e houve um problema com alvará, houve uma demora na liberação do alvará da obra perante a Administração de Brasília. Nessa ocasião nós também fizemos uma matéria, porque nós entendemos que aquela obra, ela era importante justamente para tentar reduzir o número de pessoas que iam lá, que escolhiam aquele lugar pra tentar se matar. Então, assim, a gente entende que quando a gente tem uma informação que pode mudar o rumo das coisas e reduzir esse número e alertar a população, a gente entende que é uma matéria relevante e que ela deve ser feita. Agora, a gente não cobre a factualidade dos casos, porque estatisticamente é comprovado que quando você começa a

divulgar que o cara pulou da torre, estatisticamente é comprovado que isso pode estimular, né? Então a factualidade dos casos, contando histórias, quer dizer, "Ah, a pessoa foi se matar, ganhou uma notoriedade, ganhou uma cobertura", então isso é comprovadamente... Estimula. Então essa factualidade não cobrimos. Recebemos aqui as informações, é... Mas quando nós identificamos que é um suicídio, realmente a gente não cobre. Mas quando ele se torna uma epidemia, um surto, já aconteceu também matérias internacionais, de estudos internacionais sobre essa questão, então a gente realmente entende que é uma matéria que pode vir a ajudar. Então a gente divulga.

Você falou do factual no caso da editoria local, certo? E quando é algum caso factual em internacional, no esporte?

Quando é um caso de uma celebridade, de uma autoridade, de um político que tem realmente uma repercussão, isso... Aí é feita uma cobertura, né? Pela notoriedade da pessoa, pelo significado daquela pessoa na vida das pessoas e tal. Eventualmente a gente cobre, não com muito destaque, mas a gente dá a notícia, né? Se uma pessoa que é uma celebridade morre, o fato de ela morrer é uma notícia, e a forma como ela morre a gente tem de dizer. Então, se ela se matou, vai estar lá que ela se matou, entendeu? Mas a cobertura local, com pessoas desconhecidas, da factualidade, que é a maioria das pessoas que tiram a própria vida, aí a gente já não dá.

Tem algum tipo de discussão na redação quando acontece um caso de suicídio, para saber se aquilo será publicado ou não, tanto no factual quanto nesses casos especiais?

Sim, a gente conversa, a gente discute... Essa matéria que a gente fez e publicou, a mais recente, que foi manchete do jornal, houve uma discussão em cima dela, houve um cuidado de orientação do repórter, porque realmente... Houve um cuidado do texto não ensejar qualquer tipo de incentivo, nenhum tipo de estímulo, nós tínhamos vários detalhes de histórias, vários detalhes dos bombeiros, que nos passaram todo o *modus operandi* deles, mas nós preferimos não divulgar isso, então realmente tem um cuidado muito especial quando envolve esse assunto, entendeu? Justamente pra você não expor uma estratégia de ação de agentes de segurança na hora de tentar evitar que uma pessoa se mate, até mesmo pra pessoa não conhecer as estratégias e não surtir o efeito que elas deveriam surtir, né?

A forma como foi escrita a chamada de capa, que colocou o tema como proibido...

Proibido, exatamente. Porque os leitores, embora não exista uma tese, embora não exista um tratado ou uma norma, uma lei que proíba os jornais de darem suicídio, o leitor também sabe... Pela história, né? Ou alguns leitores ligam, a gente explica, né, que não dá suicídio, então as pessoas já sabem que é um assunto meio polêmico, meio que não é tratado correntemente nos jornais. Então, assim, a gente buscou lembrar isso e buscou fazer uma cobertura de uma forma um pouco diferenciada.

Quando há dúvida sobre alguma morte, se ela foi suicida ou não, qual o procedimento do jornal?

O procedimento é a gente acompanhar as informações da polícia, né, e aí vai depender da dinâmica e da importância daquele fato, né? Se uma pessoa é encontrada morta dentro do seu apartamento, não houve sinais de violência contra ela, não foi um assalto, não foi um estupro, não foi um crime passional, ela pode ter morrido de morte natural ou suicídio, então a gente prefere nem dar. Realmente a gente não se deparou ainda com situações assim... Já teve alguns casos mais antigos de pessoas, assessores de políticos, que foram encontrados aí com uma pedra amarrada na piscina, uma pessoa que estava... Eu não me lembro do nome exatamente, mas ele foi encontrado na piscina com uma pedra amarrada no pé, ele estava sendo alvo de um monte de denúncias envolvendo desvio de verba, alguma coisa assim. Aí naqueles casos a gente tratou da matéria. Era suicídio ou era assassinato? Porque poderia realmente ele ter se matado diante da pressão que ele estava sentindo ou alguém poderia ter feito aquele cenário todo pra induzir à ideia de um suicídio. Então a gente acompanha de acordo com a relevância da situação.

Isso se dá mais por respeito à família ou ao leitor ou é uma espécie de temeridade ao que pode ocorrer?

É exatamente isso. Há indícios de que esses casos, quando divulgados, eles estimulam. Não é respeito, não. É um temor de que outras pessoas lendo aquela matéria e que estejam depressivas, que estejam de mal com a vida, se sintam estimuladas a fazer a mesma coisa. Então, assim, a preocupação não é de preservar a pessoa que já se foi e nem a família dela. É

de preservar quem pode estar pensando em cometer o suicídio também. Assim, é muito interessante. Você divulga, por exemplo, crimes passionais, aí passa uma semana e você tem vários. As pessoas... Não sei, não sei por que as pessoas se sentem estimuladas. Então é mais ou menos alguma coisa assim.

No fim de junho, em uma quadra de Ceilândia, houve um homicídio e na casa quase ao lado houve um suicídio. Só o homicídio foi notícia. Você acha que para aquela comunidade ali o jornal acaba perdendo um pouco da credibilidade?

Não. Era o que eu tava dizendo pra você, o suicídio só interessa a aquela pessoa, aquela família. Não vai ter relevância, entendeu?, como notícia. Um homicídio, não. Um homicídio implica em várias coisas. Ele implica em uma circunstância de violência, na questão da falta de segurança. Então, assim, é um assunto que diz respeito à comunidade, não diz respeito apenas a aquela família. Então a gente entende, não sei se você viu quando entrou aqui na redação, que tem uma palavra lá bem grande, escrito "relevância". É o nosso norte. Isso vale pra suicídio, homicídio, qualquer morte. Qual a relevância daquela informação pro leitor? A partir do momento em que houve um crescimento de 30% no número de suicídios no Distrito Federal, nós entendemos que há uma relevância da informação, né? É um percentual muito grande, então alguma coisa está havendo, vamos investigar. O que tá motivando isso? Vamos alertar as famílias, os amigos, que você pode estar ao lado de uma pessoa que pode se matar e de repente você pode evitar. Então é essa questão da relevância. A mesma coisa vale com as personalidades. Quem é que comete suicídio? É uma pessoa comum, que, lógico, vai afetar a vida das pessoas de uma família, de um núcleo... Não é uma sociedade como um todo, como eu citei o caso, por exemplo, desse homem que eu não me lembro o nome dele e nem do problema direito, mas eu me lembro que ele tava envolvido numa série de denúncias e ele foi encontrado dentro da piscina dele com uma corda com uma pedra amarrada na perna. Então, assim, só que ele estava envolvido numa série de circunstâncias. As pessoas estavam acompanhando a semana toda várias denúncias envolvendo a pessoa, aí de repente ela aparece morta. Então, aí sim, nós entendemos que há uma notícia. Não é a notícia de um suicídio, é a notícia de que a pessoa morreu, deixou de existir, entendeu? E aquilo ali vai ter um impacto, no caso naquelas investigações. Funciona mais ou menos assim.

Nesses casos em que o suicídio é publicado, que tipo de reação você tem do leitor?

Nós recebemos algumas cartas elogiando justamente... Aquilo que te falei, os leitores sabem que o suicídio é um assunto que não é muito lido nos jornais, né, não é explorado, aí nós recebemos algumas cartas e alguns telefonemas de leitores elogiando a abordagem que a gente deu. E alguns também questionando, eles questionam, também. "Vem cá, vocês nunca dão suicídio, por que deram uma manchete hoje?" Então a gente procura explicar, da mesma forma que eu tô explicando aqui, baseado nessa questão da relevância da informação.

Você sente falta de algum tipo de orientação nesse tema?

Eu não sei, veja só. Eu acho que isso é uma coisa tão histórica, por toda minha formação de redação eu já vinha escutando isso, formei com essa teoria, vi pessoas aqui executando essa teoria, então, assim... Mas eu acho que prevalece muito o seu *feeling*, o seu bom senso, entendeu? Essa questão da relevância da informação, de você saber se mexe com a vida da sociedade como um todo, se mexe com a vida de uma família, pra que você vai buscar isso, entendeu? Teoricamente, eu não sei quem numa redação teria o papel de ter essa decisão. Por isso que aqui a gente costuma conversar. Quando os meninos pegam na ronda policial que tem um suicídio, aí vem a pergunta "Quem é? Aonde foi?" Então ali mesmo a gente já consegue, dentro do critério da relevância, dentro do bom senso, a gente já consegue eliminar, entendeu? Agora é óbvio que é uma coisa que deveria haver seminários, palestras, não apenas em relação aos suicídios, também outras questões que a gente sempre se depara, como até que ponto a vida pessoal dessas celebridades tem que estar nas páginas dos jornais, até que ponto o nome de um menor tem que aparecer, até que ponto um assassino tem que ter o nome no jornal ou tem que ter as iniciais, porque se depois lá na frente ele não for condenado ele mete um processo no jornal... São assuntos que, vira e mexe, deveriam ser abordados pelos sindicatos, pela Comissão de Direitos Humanos. Deveriam promover eventos pra discutir isso. Mas não acredito que isso demandaria uma mudança de procedimento, porque eu acho que como eu falei com você, o que deve reger essa decisão é a relevância e o bom senso.

Bom, muito obrigado. Você acha que tem algo a ser acrescentado sobre esse tema?

Não, não. Era isso mesmo.

B.5 Carlos Alexandre, editor-executivo do *Correio Braziliense*. Entrevista realizada em 31 de outubro de 2011.

Em que casos o suicídio vira notícia no *Correio Braziliense*?

Olha, o *Correio* adota um padrão de... A gente pode chamar de padrão no jornalismo brasileiro, né? A literatura que analisa o comportamento da imprensa brasileira em relação ao suicídio já mostra, como no próprio livro do Dapieve fala disso, de que os jornais tendem a não dar muito destaque ou até mesmo a não publicar casos de suicídio, né? O *Correio*, num padrão geral, ele também segue essa linha, por entender que, e de certa forma, assim, há um consenso, entre os jornais de que você divulgar esse tipo de fato pode estimular pessoas a cometerem também... A reproduzirem esse ato. Então, assim, a gente... Fazendo uma reflexão melhor, eu acho que talvez falte um subsídio mais consistente pra que de fato indique se os jornais devem ou não publicar suicídio, de fato. O que acontece é que os jornais, de uma maneira geral, ou menos eu não tenho conhecimento, de que eles tenham feito uma pesquisa muito aprofundada sobre o impacto de você publicar uma notícia de suicídio nos seus leitores. Os jornais, hoje em dia, cada vez mais eles tão preocupados em outras questões, né, relativas ao impacto das notícias que publicam em relação aos leitores. Os jornais querem saber se os leitores estão interessados em notícias de política, de economia, de saúde, se eles querem ler mais sobre internacional ou mais sobre problemas que estão acontecendo na comunidade deles. Quer dizer, são esses os grandes temas e as prioridades que os jornais buscam sempre quando vão fazer um trabalho de pesquisa sobre os seus leitores. E diante disso, nesse contexto, você tem... Como é que você vai tratar essa questão do suicídio? Eu não creio que os jornais vão querer investir energia e investimento pra explorar um determinado tema, o que não quer dizer que seja correto. E não me entenda... Eu não estou querendo desprezar a questão do suicídio, pelo contrário, acho que seria muito bom os jornais terem um estudo mais aprofundado sobre o suicídio, porque não é que os jornais não dão que ele não acontece, pelo contrário. Ele acontece e existem, eu não sou especialista, mas existem indicadores, no Brasil também, de que o suicídio vem aumentando e tem tomado proporções, não diria alarmantes, mas que chamam atenção. Isso por uma série de razões. Sociólogos, psiquiatras, cientistas sociais podem avaliar isso com muito mais propriedade do que eu, mas eu acho que existem elementos que podem contribuir para a ocorrência de suicídio, como a solidão, como

a despersonalização das relações humanas e das relações profissionais, da alta competitividade no mercado de trabalho, coisas que aparecem nas páginas de jornais todos os dias e que contribuem, sim, para a ocorrência do suicídio. Então eu acho, assim, o *Correio*, de uma maneira geral, cotidianamente, ele segue uma linha de todos os jornais. Agora, há exceções que eventualmente eu posso até explicar pra você, inclusive do *Correio*. O *Correio* já abriu algumas exceções específicas sobre isso.

Aí entraria o caso do Pátio Brasil, por exemplo? Seria uma dessas exceções?

Exatamente, seria pelo menos... O caso do Pátio Brasil foi uma cobertura que nós fizemos, né, um dos repórteres que ficou à frente foi o Renato Alves, que sugiro até que você converse com ele, no caso a Ana Dubeux acompanhou também muito de perto essa cobertura, eu sugiro também que você converse com ela, que foi de fato uma reportagem que nós publicamos, aliás, mais de uma, pelo que eu me recordo, pelo menos três, falando da situação que acontecia lá no Pátio Brasil, que, assim, como acontece em várias cidades, há cidades, de uma maneira geral, que têm alguns locais que, por alguma razão, são procurados, digamos assim, para o suicídio. Tem o caso de São Francisco, com a Golden Gate, tem até a própria Ponte JK, existe uma certa atenção, digamos assim, em relação a isso. Em todas as cidades em que existem prédios existem também uma preocupação quanto a esses casos. Quer dizer, então, todas as cidades têm. E no caso de Brasília, vinha sendo utilizado o Pátio Brasil para a ocorrência dos suicídios. Eu lembro que... Veja, a dificuldade de se lidar com o suicídio não é apenas dos jornais, empresas também têm dificuldade em lidar com isso. No caso do Pátio Brasil, o shopping também teve uma dificuldade em falar com a gente, levou um certo tempo para que o shopping entendesse que nós não estávamos acusando o shopping, nós não estávamos indo contra o shopping, nós não estávamos querendo atingir o shopping, pelo contrário. Nós estávamos querendo salvar vidas e o fato é que o shopping não estava conseguindo evitar aquela situação ali. Foi exatamente em decorrência dessas reportagens que o shopping tomou providências e, tem um bom tempo que eu não passo lá, mas ao que me consta eles puseram umas placas de vidro ou acrílico, não sei, que impede que as pessoas se joguem lá de cima. Então esse foi um episódio prático, concreto, ocorrido aqui em Brasília, que o *Correio Braziliense* tomou a iniciativa de abordar esse tema com muito cuidado e falar o que vinha acontecendo. Nesse sentido, eu acho que, assim, o jornal teve o seu mérito de falar, de abordar esse assunto, agora, eu dou muito mais valor às famílias que aceitaram falar sobre esse tema e alertar às outras famílias do que eventualmente poderia estar acontecendo.

Existem diversas teorias, você deve ter estudado isso, sobre o que leva... Alguns sinais que podem indicar que a pessoa pode ter um comportamento suicida. Então, assim, como nós somos jornalistas, nós não somos estudiosos em relação a esse tema, eu acho que é muito importante, vale muito o depoimento de quem passou por essa experiência, que não pode ser menosprezado. Então nesse episódio do Pátio Brasil foi muito importante o depoimento das famílias, delas dizerem o que vinha acontecendo, o que elas observavam em relação a isso, porque isso aproxima mais o assunto, e esse é um dos grandes benefícios, digamos assim, que o jornalismo traz à sociedade, que é você dar temas até então pouco falados ou proibidos ou que não são de conhecimento público e que, quando na verdade, eles são de grande interesse público.

Existem outros exemplos como esse do Pátio Brasil, que foram publicados?

Teve um outro exemplo, em outra época, a Ana Dubeux também foi testemunha, eu falo isso porque trabalhamos juntos nos dois episódios, então teve um outro caso, também, de uns alunos do INEI, no Lago Sul.

Desculpa, INEI?

INEI, no Lago Sul, ali perto do Gilberto Salomão. Não sei nem se se chama INEI ainda, mas na época era. Foi um caso mais complicado ainda do que o do Pátio Brasil, porque era uma escola e o que vinha acontecendo e que tava acontecendo suicídios em série de alunos da escola. Eu não saberia dizer a você quantos foram, mas é algo em torno de quatro, se não me engano, na faixa de 14, 15, 16 anos. Meninos e meninas.

Quando foi isso?

Olha, isso foi por volta de 2000 ou 1999. Eu sugiro que você possa dar uma olhada também. O *Correio* também publicou reportagens sobre este caso, mas novamente como um caso de exceção, porque a gente achou que naquele mérito ali era caso de se publicar porque tava exigindo uma atenção especial dos pais dos alunos no sentido de evitar aquela sequência, de interromper aquela sequência. Na verdade, a gente chegou à conclusão de que era preciso tomar providência pra que aquilo ali não acontecesse mais, porque os suicídios, a gente reparava, eles vinham acontecendo sem a interferência do jornal. Ou seja, aquele receio dos

jornais de querer influenciar as pessoas, nesse caso ele não se adequava tanto, porque a coisa ia acontecendo naturalmente, quer dizer, criou-se um ambiente ali onde algumas pessoas ficavam influenciadas e cometiam suicídio ou tentavam cometer suicídio, então foi nesse momento que a gente tentou intervir, né? O que é o caso, especificamente nesse caso da escola, bem mais complexo do que o caso do Pátio Brasil, porque o Pátio Brasil era um local público e você tinha como tomar algumas providências, agora numa escola é muito difícil, porque todo mundo sabe que o suicídio vem de uma motivação pessoal, né? Existem teorias de que, na verdade, o ato do suicídio é um ato que requer grande coragem. A pessoa precisa ter uma grande coragem pra pôr fim à vida, então, na verdade, existe... O próprio livro do Dapieve fala um pouco disso, na verdade o suicida tem uma grande vontade de viver, o que acontece é que ele não suporta mais aquela situação, aquela condição ali em que ele tá vivendo, por isso ele resolve colocar um fim. Mas isso são teorias, aqui no jornal é muito difícil você trabalhar em cima de teorias, de uma maneira profunda, porque os próprios acontecimentos se impõem em relação a muitas teorias, né. Mas, assim, eu lembro, em relação ao *Correio Braziliense*, você pode registrar esses dois casos como casos que nós tratamos, digamos assim, em que o enfoque principal das reportagens vieram a ser o suicídio. Agora, como nos outros jornais também, a gente costuma publicar, eventualmente, casos de pessoas que cometem suicídio logo após cometer um ato de homicídio. Isso é muito comum também em decorrência de casos de crimes passionais, em geral situações de homicídio seguido de suicídio têm algum componente passional, em geral são casos ligados a violência contra mulher, né, e aí entra um pouco naquilo que a gente vinha falando antes do estilo de vida, enfim, dos problemas, do drama contemporâneo que existe hoje na sociedade brasileira, onde você tem uma volatilidade de sentimentos muito grande, onde você tem uma instabilidade emocional de certa forma até aceita, hoje em dia as pessoas escutam muito, até valorizam aquela coisa das pessoas ser um pouco instável, do "olha, tô aqui com você, daqui a cinco minutos eu vou estar com fulano, sicrano", do "eu tô casado hoje, semana que vem não sei", "hoje eu tô morando com alguém, no mês que vem posso estar morando com outra", quer dizer, há uma certa aceitação, digamos assim, em torno da instabilidade e da não-aceitação do sofrimento ou das dificuldades ou dos problemas ou de algum trabalho que tem de se fazer. Isso é uma característica da sociedade e a sociedade acaba se manifestando de várias formas, inclusive de forma violenta. Geralmente, nesses casos assim, sempre o foco a gente costuma dar dessa forma.

Isso na editoria local, né? Tem um tratamento diferente quando o suicídio acontece, por exemplo, na cultura, no esporte, em internacional?

É, isso a gente falou na cobertura local, agora tem dois casos aqui que também costuma acontecer muito desse tipo de problema, que um é Brasil, que em outros lugares chama ou país ou nacional, e eu vou citar um caso recente, que é o de Realengo, onde você tem uma pessoa, um desajustado, que resolveu fazer aquilo ali e no fim ele cometeu suicídio. Houve uma investigação se aquilo tinha sido um ato, como se dizia antigamente, tresloucado, ou se era um crime premeditado, quer dizer, novamente o que eu digo a você, a gente começa a entrar numa seara que passa pela psiquiatria, que passa pela polícia, pela psicologia, pelas ciências sociais, que foge um pouco, digamos assim, da ciência do jornalismo. Nós, como jornalistas, a gente ouve os especialistas, a gente confronta as opiniões, procura aprofundar ao máximo o debate, mas não é nem nossa atribuição essa de emitir algum juízo. E se você for pesquisar os especialistas, eles mesmos têm dúvidas, até porque o tema é complexo, o que leva uma pessoa a querer fazer aquele episódio ali e em seguida se matar? Por que escolheu apenas meninas? Por que ele atirava no rosto das crianças, né, e em seguida ele resolveu se matar? Por que ele deixou mensagens, quer dizer, o que havia ali de cognitivo e o que havia ali de delírio, quer dizer, o que era ali a mente de um assassino e o que era ali a mente do... do... Quer dizer, tudo isso são questões importantes porque elas têm implicações psicológicas, psiquiátricas, sociais e judiciais também. Então quando a gente trabalha no jornal, tá atento a todas essas variáveis e procura publicar as reportagens dentro dessas condições que nós estabelecemos. Essa mesma avaliação, esse mesmo cuidado também se aplica no noticiário internacional. É comum nos Estados Unidos acontecer esse tipo de episódio, teve um caso na Noruega, que no caso ali não houve suicídio, foi um maluco que resolveu fazer aquela barbaridade, mas ele não se suicidou, foi preso. Mas nos Estados Unidos é muito comum, teve antes o massacre de Columbine, uma série de episódios que você tem o comportamento da imprensa em relação a esses episódios, que, você vai ver, de uma maneira geral, os jornais tendem a agir de uma mesma forma. É claro que você vai ter um ou outro que vai querer divulgar o suicídio, mas aí entra aquelas peculiaridades culturais, né? Assim como você tem na antropologia o estudo das culturais de cada civilização, você vai encontrar um jornal ou outro que vai querer publicar suicídio ou querer dar um destaque maior sobre fulano ou ciclano que se suicidou, et cetera e tal. Agora, veja, a questão do suicídio, do ponto de vista do jornalista, também é de certa forma complexa. Por exemplo, é porque ainda não aconteceu, mas é preciso lembrar que na história brasileira nós tivemos um presidente que se suicidou.

Como é que você trata isso? No caso do presidente Getúlio Vargas, era evidente ali que a questão política, o suicídio dele obviamente você deveria tratar como um ato político, aquilo ali não foi um ato pessoal, ao que se sabe Getúlio Vargas não tinha um problema... Não tinha, digamos assim, o quadro clássico de um suicida, ele não tinha depressão, problema de isolamento, até porque o cargo dele impedia isso, né? Então o suicídio dele foi um ato político. Então a gente precisa também ter consciência da leitura que tem que ser feita dos acontecimentos, você não pode isolar, em determinado caso, com uma leitura unívoca só. Tudo isso são questões complexas que aparecem quando você vai fazer um jornal.

Você sente falta de uma orientação sobre como cobrir suicídio em códigos de ética, em manuais de redação?

Eu acho que falta, eu diria a você que nos jornais... Eu não sei dizer em relação aos outros jornais, mas pelo pouco que eu conheço da literatura e pelo que eu leio e acompanho nas páginas de jornal, os jornais não têm, como eu disse a você, eles não investem muito nesse tema ligado aos suicídios, então o que acontece é que, eu desconfio que a orientação que é repassada para os jornalistas que trabalham a questão do suicídio é uma orientação informal. Dizem simplesmente "ó, o suicídio o jornal não dá, simplesmente". E aí pronto, o assunto acaba encostado ali e fica assim. Eu acho, e aí seria talvez interessante você contrapor com alguns dados referentes a suicídio no Brasil, pra você dizer que o suicídio no Brasil, sim, é um fenômeno que está aumentando, que merece atenção, e que existem empresas... Por exemplo, tem uma jornalista famosa, a Eliane Brum, que se não me engano ela ganhou um Prêmio Esso falando sobre suicídio de jovens que anunciavam que iam cometer suicídio na internet e eles chegavam e cometiam mesmo...

Suicídio.com³⁴, foi capa, até.

É, exatamente. Então são casos, existem veículos que tomam a iniciativa de fazer isso. É um tema difícil, é um tema desafiador, mas que pra você cobrir esse tipo de tema, e aí eu acho que os jornais tentam fazer uma única reportagem que procure abordar o assunto de uma maneira mais reflexiva, né? E não apenas ter uma cobertura linear, cotidiana, dos suicídios,

³⁴ Em 11 de fevereiro de 2008, a revista Época publicou a reportagem Suicídio.com, mostrando como sites na internet incentivavam adolescentes a se matar. A reportagem completa pode ser lida em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81603-6014-508.00.html>. Acesso em 4 nov. 2011.

até porque é muito difícil fazer isso. Se em outros temas, você fazer uma cobertura linear é muito difícil, veja, por exemplo, você ter uma cobertura diária de política é muito complicado, em qualquer jornal do mundo. E em relação à reportagem de suicídio, qual é o jeito certo de você falar de suicídio? O que se deve dizer e o que não se deve dizer em relação ao suicídio? São temas muito complicados que a imprensa brasileira, de uma forma geral, ainda não está preparada e simplesmente não adota.

No fim de junho, teve um caso de homicídio em uma casa de Ceilândia e na casa ao lado houve um suicídio. O *Correio* noticiou o homicídio e não o suicídio. Isso afeta, isso pode afetar a credibilidade do jornal naquela comunidade?

Eu não sei, eu primeiro teria que saber a opinião da comunidade, ver se de fato as pessoas acham que deveria se cometer suicídio. E aí eu não sei se o suicídio tem a ver com o homicídio, se a pessoa que cometeu suicídio... Se o caso ali tem relação com o outro. Porque, veja, suicídio acontece todos os dias, né, o jornal tem que dar isso? Não sei, qual é o propósito, é pra você alertar as pessoas? É você dizer "não, não cometa suicídio"? Ou não, as pessoas vão ficar sabendo e vão pensar "pô, o que que tava acontecendo ali por trás"? Eu não sei. O que é preciso também dizer, e aí os jornais também têm uma certa... Porque é uma coisa bem debatida também, que é aquela coisa da atração pelo mórbido. Os jornais... "Ah, vocês vivem falando de violência, violência, violência, violência. Por que vocês falam de violência?" É uma boa discussão. Por que a gente publica homicídio e não publica suicídio? "É tudo violência, o que vocês tão querendo dizer?" Os jornais vão dizer que a gente publica homicídio pra alertar o poder público sobre a questão da violência, pra alertar a sociedade sobre o que está acontecendo, como é a sociedade hoje em dia, esse tipo de argumento. Pode se publicar o suicídio? Pode. O que a comunidade pode achar, a comunidade pode questionar a credibilidade do *Correio*? Pode, perfeitamente. Agora, é preciso que ela se manifeste. Se ela se manifestar... A gente também pode ir lá eventualmente querer saber, mas o fato é que esse debate ainda não chegou aqui na redação, infelizmente.

Nunca houve essa manifestação ou por alguma matéria publicada sobre suicídio?

Que eu tenha conhecimento, não. A mim, não chegou. Sabe, de dizer "olha, pôxa, o *Correio* publicou um caso sobre homicídio, ao lado aconteceu o suicídio e vocês não deram

nada, porque vocês não deram? Vocês estão escondendo alguma coisa?" Esse tipo de questionamento ainda não chegou.

Os jornalistas discutem isso na redação, sobre qual é a melhor forma de cobrir, quais devem ser os cuidados?

Sim, eu acho que sim. Há uma discussão entre os jornalistas dentro do enfoque jornalístico, dentro do âmbito que deve ser dado em relação a isso aí. Como eu disse a você, os jornalistas não têm conhecimento especializado sobre temas com os quais trabalham. Eles podem ser até especializados em outras coisas, como economia, como política internacional, diversos jornalistas daqui e em qualquer jornal falam sobre isso. Agora, conheço poucos jornalistas que têm um conhecimento mais aprofundado com relação a temas como suicídio, então, via de regra, a discussão que você vai encontrar nos jornais é "qual o tamanho que a gente vai dar isso?", "qual é a abordagem que a gente vai dar a isso?", "nós vamos falar com quais pessoas?", mas aí a gente apresenta um panorama geral. A grande dificuldade dos jornais é você conseguir aprofundar os temas, né? Então a qualidade do jornal você começa a medir pela capacidade que o jornal tem de aprofundar aqueles temas ali, então todos os jornais têm consciência disso, de que eles conseguem ir até um determinado ponto, passou daquele ponto, a menos que você seja um acadêmico, um articulista, um psiquiatra, quer dizer, você vai ter condição. Mas aí você sai da natureza do jornal e passa a entrar em outras áreas do conhecimento, então fica um pouco complicado. A discussão que a gente tem aqui entre os jornalistas é uma discussão aberta, como em geral são as discussões entre os jornalistas, né, mas ela é muito voltada ao nosso cotidiano aqui, qual o tamanho que a gente vai dar, de que forma a gente vai noticiar isso, entendeu? Se vai ser uma matéria com destaque, uma curta, se vai ser nada, como é que a gente vai tratar isso?

Nessas discussões aparecem a ideia sobre imitação, sobre contágio, que poderiam levar a mais suicídios?

É como eu disse a você, eu acho que existe um consenso entre os jornalistas. Pode ser que seja um consenso mal resolvido, pode ser que seja um consenso que precise ser melhor debatido? É bem possível, é bem possível, tendo em vista que o suicídio no Brasil é um fenômeno que vem merecendo atenção da saúde pública, seria preciso haver, por exemplo, a mobilização de outros atores ou o aparecimento de outros indicadores que, de fato, nos

levassem à redação e dizer "pôxa, tá na hora de a gente rever esse nosso 'consenso' pra ver se de fato tá sendo adequado, ou a gente não está sendo omisso e a gente precisa tratar isso de outra forma". A sociedade brasileira... E a sociedade de uma forma geral, elas tendem, elas demoram um certo tempo pra evoluir, sabe? Existem outros temas, fugindo um pouco do foco do suicídio, que o Brasil ainda tá tendo dificuldade, e olha que o Brasil é um país bastante liberal, cito um exemplo que é a união homossexual, a união homossexual foi reconhecida pelo STF tem seis meses e o Brasil ainda tá se preparando, em todos os aspectos, para esse tipo de realidade. O suicídio, eu acredito que ele entre nesse contexto, quer dizer, o Brasil tá preparado pra falar sobre o suicídio? Na minha leitura, eu acho que o Brasil fala muito pouco sobre suicídio, nas escolas, na rua, sabe, existe uma visão muito limitada e estereotipada sobre esse assunto, então essa dificuldade em tratar o assunto também ocorre nos jornais, os jornais brasileiros e os jornais de um modo geral são espelhos da sociedade. Se você quiser entender uma sociedade, ou se você quiser entender um jornal, você precisa olhar um pouquinho pra sociedade.

Você acha que ainda há algo de interessante a ser falado?

Não, eu acho que o mais importante é isso que eu disse a você. Eu acho que o assunto merece uma reflexão maior dos jornais, porque o suicídio é, sim, um fenômeno social que, como outros fenômenos sociais, tem chamado atenção. Como eu disse a você, eu não sou psiquiatra, eu não sou psicanalista, eu não acompanho diuturnamente o que ocorre em relação à realidade do suicídio no Brasil, mas pelo que eu acompanho no dia a dia do meu trabalho aqui, percebe-se que as pessoas tão falando cada vez mais, o que é mais preocupante ainda, eu acho que hoje em dia, e é importante se ressaltar, é que o universo dos jornais é muito limitado... Por que o que são os jornais? Os jornais são veículos, empresas que fazem um determinado produto que tem um limite. Tudo o que sai aqui, tem alguém supervisionando, ou são os jornalistas que tão envolvidos, ou são os proprietários do veículo, que estabelecem "nosso jornal publica essas determinadas notícias", isso acontece em todos os jornais do mundo. E é a mesma coisa no site, quer dizer, o site de qualquer jornal você vê o corte que ele faz da realidade. O problema é que você tem um universo em aberto que se chama internet e na internet, meu amigo, vale tudo. E aí se cria, a internet hoje é que é a grande porta de perigo não só para o suicídio, mas para outros fenômenos sociais gravíssimos e super preocupantes também, como por exemplo a pedofilia. Então eu acho que complexo mesmo é como você vai lidar, e nesse sentido a matéria da Eliane Brum passa por ali, entendeu? Ela fala do perigo da

internet, o suicídio.com, o perigo desse fenômeno social chamado suicídio num campo livre chamado internet. Quer dizer, como você vai lidar com isso? Aí entram outras discussões, como você vai lidar com isso como cidadão, como filho, com um amigo seu, com uma namorada sua, como é que você vai lidar com isso? Você vai impedir a pessoa? Você vai ajudar, você vai brigar, você vai proibir, o que você vai fazer? Então são questões muito mais complexas que vão bem além do jornal, porque o jornal, de certa forma, você tem como limitar. Porque "olha, na dúvida, não falamos" e aí os especialistas que se expliquem ou que as pessoas que estiverem infelizes que liguem pro CVV (Centro de Valorização da Vida), façam qualquer coisa. É uma saída. É a melhor? Não, não é a melhor. Agora, muito mais preocupante, muito mais perigoso, e aí eu tô falando como cidadão, é essa realidade da internet. Essa sim me preocupa.

B.6 Renato Alves, repórter do *Correio Braziliense* responsável pela cobertura dos suicídios ocorridos no shopping Pátio Brasil, em 2009. Entrevista realizada em 31 de outubro de 2011.

Como surgiu a pauta da cobertura no Pátio Brasil?

A história começou... Na verdade, eu já vinha discutindo esse fenômeno do suicídio no Pátio Brasil, que vinha ocorrendo com frequência e não era novidade pra ninguém e também não é novidade pra ninguém que jornal não divulga suicídio, desde que o suicídio seja... Envolve alguma autoridade, alguém que realmente... Que vai afetar a vida da população de uma certa maneira. E aí tava tendo esse fenômeno no Pátio Brasil, todo mundo sabia que lá era um ponto de suicídio, mas a discussão... A gente nem discutia porque era uma coisa pacífica, que o jornal não dá e pronto e acabou. Mas até o dia em que o pai de um garoto nos mandou um e-mail... Acho que não mandou pra gente, tava circulando na internet... (barulho na redação) Não dá pra conversar aqui, espera aí.

(Gravação retomada alguns minutos depois, em outro lugar.)

Então, eu me lembro que, por um bom período, algumas semanas, em toda reunião de pauta na segunda-feira o assunto vinha à tona. A gente começava a se questionar que tava passando por um número que eu achava que já tinha de ser rediscutida essa questão de não poder fazer uma matéria de suicídio no jornal, no *Correio*. E toda segunda era uma longa discussão na reunião de pauta, mais da metade da reunião de pauta, duas horas, três horas discutindo isso, como dar, como não dar. Só que sempre vinha a decisão do jornal, de cima, que não tinha o que questionar. A gente não ia dar. Até o dia em que a gente soube... Eu não me lembro bem se nos mandaram, ou eu ou o Marcelo Abreu a gente viu... Acho que foi o Marcelo Abreu. A gente viu o e-mail circulando de um pai fazendo um desabafo que o filho tinha se jogado no Pátio Brasil e ele pediu providências à polícia, à Secretaria de Segurança Pública, à Defesa Civil, pra interditar, pra que não deixasse aquilo se repetir. E aí a gente voltou a rediscutir isso por várias semanas, como dar, como não dar. E o Abreu me sugeriu, assim, "Renato, eu podia contar a história desse pai, o drama, e você levantar os dados de suicídio no Pátio Brasil, a gente comparar com os outros pontos que teve, a Torre de TV que houve na década de 70, se não me engano, a história daquele colégio no Lago Sul, vamos tentar convencer a chefia". Até que a gente conseguiu convencê-los que a gente ia fazer uma coisa com todos os cuidados que deveriam ser tomados, mas a gente começou a receber uma pressão... Não uma pressão, mas havia uma má vontade muito grande, uma pressão também psicológica da Secretaria de Segurança Pública, ao ponto de... Porque a gente soube que já havia cartas de outras pessoas pedindo a interdição do Pátio Brasil, o fechamento lá do ambiente pra que ninguém mais se jogasse de lá, e havia até um laudo da Defesa Civil, se não me engano, isso tá na reportagem, eu não me lembro... Por outro lado, a atual diretoria da Defesa Civil era contrária a aquilo e começou a... Chegou em um ponto em que eles me falaram, a direção, que se saísse uma reportagem e se alguém se jogasse, que eu carregaria aquela culpa pra sempre, eu e o jornal. Que se a gente estimulasse isso, e isso, lógico, foi muito questionado entre a gente, sempre, eu, o Marcelo, a própria Ana Dubeux, que ainda tá aqui, né? Então, assim, imagina o peso que a gente ia carregar se realmente a gente faz a reportagem, o Pátio não toma providência e começava mais gente a se jogar? De estimular, aquelas coisas que os psicólogos dizem que acontece. Só que, no meio dessa discussão, a gente ganhou o apoio do secretário de Segurança Pública na época, que era totalmente favorável ao fechamento daquilo, que achava que aquilo era realmente uma questão de segurança pública. Foi essa questão de segurança pública que fez o jornal bancar essa matéria. Por quê? A gente usou esse argumento. Tudo bem, suicídio é uma questão complicada, mas a partir do momento em que uma pessoa tá se jogando lá de cima, ela pode matar alguém lá

embaixo, qualquer pessoa, uma grávida, uma criança, um bebê. É uma arma. Assim, já não era uma coisa só do suicida, ela tá colocando em risco a vida de outras pessoas, e aí eu levantei o número de pessoas que passam pelo Pátio Brasil diariamente e é óbvio que a administração do Pátio Brasil também fez a pressão dela pra que não saísse a matéria, usou esse argumento de que se a gente fizesse a reportagem ia estimular mais suicídios. E aí foi aquele dilema todo, a gente fez com um mega, ultra cuidado, antes da matéria sair, muita gente leu, eu pedi pra ler minha parte, o Marcelo pediu pra ler a dele... Inclusive o pai que mandou a carta, ele não leu, mas ele é uma pessoa que foi até, se não me engano, administrador de Brasília ou do Guará, ele era ligado a políticos. E a gente ficou nos primeiros dias bem tensos porque ficamos com medo de nessa matéria acontecer o que a gente temia, que era estimular outros suicídios. Mas, pelo contrário, o Pátio Brasil fechou. Você pode ir lá hoje, depois da matéria ele fechou todos os dois andares mais complicados, apesar de que eles negam que foi por causa da reportagem, coincidentemente foi uma ou duas semanas depois, e não teve mais caso de suicídio no Pátio Brasil. Isso já tem quantos anos, já? E a gente não soube de outro ponto, porque também falavam isso, "ah, vocês vão conseguir fechar lá, mas certamente vai haver outro ponto", mas não teve outro ponto. Eu usei muito esse argumento na época da negociação pra reportagem sair, eu pedi a pesquisa no Cedoc e sempre usava o argumento de "ó, a Torre de TV era um ponto de suicídio e quando fecharam a torre acabou". E lá era, e também houve resistência das autoridades na época, mas a grande questão... Quem nos deu muito apoio foi o secretário de Segurança Pública na época. Na hora em que eu voltei pra redação e falei assim "olha, o secretário é completamente favorável, falou que a gente vai fazer um bem danado se a gente fizer a reportagem".

Mesmo com a Defesa Civil sendo contra?

Mesmo com a Defesa Civil, que era subordinada. E ele argumentando contra. Eu lembro dessa reunião lá no gabinete dele e o pessoal da Defesa Civil não querendo e ele falando que não. Depois, na apuração da reportagem, eu descobri que pessoas ligadas a um dos diretores da Defesa Civil eram responsáveis pela segurança do Pátio Brasil. Ali, pra evitar os suicídios, o que o Pátio Brasil tinha feito? Tinha contratado uma empresa de segurança pra reforçar a segurança e não deixar ninguém se jogar. Obviamente que o fechamento com vidro, com uma rede ali, com alguma coisa, ia diminuir o número de seguranças. Você não ia ter necessidade dos seguranças pra ficarem contendo suicidas.

Então a Defesa Civil era contra só por motivos muito mais pessoais?

A gente não teve como provar isso, mas era uma relação, um argumento que inclusive usei no jornal depois. A gente não tinha como provar, né, mas aí me contaram que era parente, eu vi que era parente... Tinha tudo evidente... Mas aí depois de um mês, dois meses, a gente ficou mais tranquilo porque não aconteceu o que a gente temia.

Algum tipo de cuidado foi tomado ali na hora da redação da matéria, na apuração da matéria?

Sim, de a gente não... De a gente tentar mostrar que aquilo que aconteceu era um coisa muito triste, ruim para a sociedade e que, principalmente, era um risco iminente. A gente não queria tratar como um mero drama familiar, é isso que não podia ser feito e nem era isso que o pai queria. Quando ele fez a carta, ele queria que realmente o problema fosse resolvido e nós tratamos aquilo como um caso de segurança pública. Era esse argumento que a gente usava, "vamos recuperar caso", porque não havia estatística sobre isso. Nós fomos ao nosso Cedoc (centro de documentação), não tinha matérias na época, lógico. Só que a gente começou... Em função dessa carta do pai, começou a ter uma corrente na internet, das outras pessoas contando casos, e a gente foi, com a polícia lá na 1ª DP e o secretário de segurança pública na época, eu levantei o histórico de suicídios, foi aí que a gente fechou o número, eu não lembro, na reportagem tem o número. Num período de tanto a tanto, houve tantos suicídios. Ninguém tinha feito isso, não existia isso. E ali eu fui na 1ª DP, peguei os inquéritos pra contar as histórias, como as pessoas haviam... Pra mostrar como era vulnerável aquilo lá, né? Inclusive algumas histórias mostrando como é que caíram perto das pessoas, isso tava relatado em alguns inquéritos. Nossa preocupação toda era essa, de fazer uma matéria que tratasse dessa questão de segurança pública, a gente não queria fazer um dramalhão, tanto que a gente não ficou fazendo suítes da história, ficou fazendo várias matérias. A gente só fez matéria mostrando que o Pátio tinha tomado providências, tinha fechado o vão, colocado acrílico, né? O cuidado maior era isso, não explorar aquilo como um drama familiar.

Como foi a reação do leitor?

Foi totalmente favorável, até porque o leitor, em sua grande maioria, não sabe que há esse acordo... Que eu também não sei como é feito esse acordo que foi feito, acho que nunca

houve um acordo formal, uma lei que proíba a gente de dar suicídio. Mas isso foi um fenômeno da década de 80, se não me engano... Bom, no seu trabalho você vai ter que saber disso (risos), de onde surgiu, de onde veio isso, como os jornais adotaram que não se vai divulgar suicídio. E o leitor não sabe disso, então a cada pessoa que caía no Pátio Brasil, a gente recebia inúmeros telefonemas aqui na editoria de Cidades, as pessoas relatando "como assim, que absurdo, a imprensa tá omissa, o Pátio Brasil comprou vocês". E aí você tinha que explicar, um a um, que a gente não dava, que não podia. Inclusive até funcionários do jornal, os próprios repórteres mais novos, os estagiários chegavam aqui indignados e iam lá tentar fazer matéria e chegavam indignados porque a matéria não saía. Tudo que me explicaram um dia eu tive que explicar pra eles. Não pode, não é que a gente não queira, há uma legisla... Não sei se é uma legislação, é uma regra no jornalismo que não se divulga, não se dá, porque a cada vez que caía alguém a gente ia lá pra saber o que era, porque tava lá um corpo e a gente precisava saber o que foi, né, se foi uma morte natural, se foi um suicídio ou se foi outros motivos. E se havia outra vítima. (toca o telefone) E aí o jornal não quis esperar que houvesse essa vítima pra fazer a matéria, porque certamente o dia que tivesse uma vítima do suicida todo mundo ia fazer. Espera aí.

(Gravação interrompida por um telefonema e retomada alguns minutos depois.)

O que mais?

Você acha que falta orientação sobre esse tema?

Não é orientação, falta... A primeira coisa... Você mesmo estuda jornalismo, você sabe que não pode falar, que há uma regra entre os jornais que não se pode. Mas ninguém nunca te explicou de onde que veio, com base em que, por que, se isso vai ser rediscutido ou não. Eu sou favorável, eu não acho que a gente deve ficar divulgando suicídio por divulgar, a cada suicídio que se tem. Não faz sentido. Se não é notícia de interesse público, é algo familiar, a gente não tem que divulgar. Porque, realmente, mesmo que eu nunca tenha visto um estudo, eu acho que estimula mesmo, do mesmo jeito que quando você divulga matéria de trote por telefone à polícia... Isso é visível, é estimulante. Se você fala, e isso você prova pela internet, a internet que tem... Já fizeram até reportagem, prêmio Esso aí, Eliane Brum fez dos meninos, relatando, divulgando suicídio... Isso é fato. Mas acho que isso tinha de ser tratado lá na faculdade, de onde que veio, com base em que, falta informação. Por que se adotou essa

norma, em que ocasiões a gente tem que tratar o assunto? Nesse caso da Eliane Brum, é lógico que tinha de ser tratado, tava virando uma epidemia na internet e os pais não sabiam. Ela prestou um grande serviço.

A ausência nos códigos de ética, nos manuais de redação, então é importante?

Sim. Isso não tem. Eu nunca vi. Isso que falta mesmo, essa discussão que a gente teve no jornal ao longo de semanas tinha que estar em algum lugar, pra gente ter como referência, isso é muito pouco explorado, tem poucos trabalhos de final de faculdade tratando desse assunto. Eu me lembro que na época o Marcelo Abreu até foi atrás de alguns estudos, me mostrou alguma coisa, mas eu não tenho uma memória boa sobre isso. Mas acho que a gente conseguiu fazer uma coisa equilibrada, do jeito que a gente tinha se proposto a fazer. Foi doloroso. No dia em que saiu, eu fiquei preocupadíssimo, nos primeiros dias. Imagina se alguém se jogasse! Eu ia dormir com aquela culpa, será que tinha sido por minha causa? A pessoa já estava predisposta e eu só estimulei mais? Imagina se acontece uma onda de suicídio maior do que já tinha. E era o que as pessoas da Secretaria de Segurança Pública que eram contrárias à matéria e o Pátio Brasil tavam usando contra a gente, tavam fazendo uma pressão psicológica muito grande, por meio de e-mail, telefonema, pra que a matéria não saísse. O Pátio, por interesse comercial dele também, né? Quem não conhecesse, ia ficar sabendo que ali era... Mas assim, no fim das contas, acho que precisava de mais orientação. Ah, e tinha a preocupação estética deles, era a maior preocupação deles. Já havia três ou quatro projetos lá e eles não queriam fechar. No fim das contas, eu acho que não alterou em nada esteticamente. Aliás, eu acho que quem frequenta o Pátio diariamente e sabe que aquilo existia ficou muito mais tranquilo. Eu mesmo não ia ao Pátio antes e eu conhecia muita gente que não frequentava o Pátio Brasil porque tinha medo que quando tivesse passando ali embaixo alguém se jogasse em cima deles, ou também não queria estar ali sentado no shopping e ver um corpo. Acho que ficou de bom tamanho, assim.

Ok. Acha que tem mais alguma coisa de interessante a acrescentar?

Não. Você tem de por aí que eu tenho 11 anos de *Correio* e essa foi a coisa mais delicada que eu fiz aqui. 37 anos de idade, 11 de *Correio* e 12 de formado.